



Devoção popular: por uma Igreja bela, profética, festiva e dinâmica

3 Maria de Nazaré:
aspectos bíblicos,
eclesiais e devocionais
Jonas Nogueira da Costa

11 Nossa Senhora da Piedade:
a imagem de Mãe que nos
leva ao Filho
Edson Oriolo

21 Devoção popular:
as festas juninas e a pastoral
Fernando Altemeyer Junior

29 Ano Nacional do Laicato:
revitalizar a missão do leigo e a pastoral popular
José Reginaldo Andrietta

37 Roteiros homiléticos
Aila Luzia Pinheiro Andrade

63 O Tratado da verdadeira
devoção à Santíssima Virgem Maria:
um itinerário de consagração a Jesus por Maria
Tiago José Risi Leme

UM SUBSÍDIO ESPECIAL PARA A ATUAÇÃO DOS CRISTÃOS LEIGOS NA IGREJA E NA SOCIEDADE.

"Vós sois o sal da terra. Vós sois a luz do mundo." (Mt 5,13-14)



LEIGOS E LEIGAS NA IGREJA Sujeitos na Igreja "em saída"

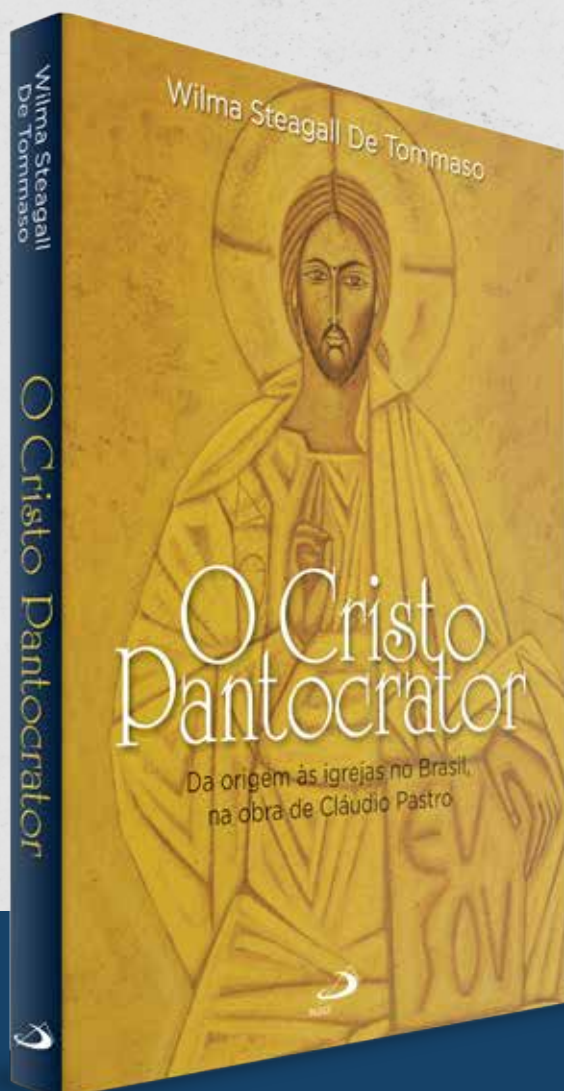
José Carlos Pereira

Elaborado especialmente para o Ano do Laicato, este subsídio dedica-se à formação e atuação dos leigos na Igreja e no mundo, apontando caminhos para a construção de uma sociedade mais justa e fraterna, à luz da Palavra de Deus.

CONFIRA
VERSÃO
EBOOK

“A arte é a linguagem fundamental de todas as religiões, pois é a linguagem universal dos homens.”

Cláudio Pastro



O Cristo Pantocrator

Da origem às igrejas no Brasil, na obra de Cláudio Pastro

Wilma Steagall de Tommaso

Ser um iconógrafo é muito diferente de ser um pintor. Há cânones a serem obedecidos. Iconógrafos “escrevem” um ícone que é concebido pelo Espírito Santo pelas mãos do monge-pintor; ou seja, o pintor é o pincel do Espírito, segundo a Tradição da Igreja Católica Una do Primeiro Milênio. Revestir com arte um espaço litúrgico demanda, além da técnica, espiritualidade.

296 páginas

*“Todo teu eu sou, e tudo o que possua
pertence a ti, ó amável Jesus, por
Maria, tua Santa Mãe.”*



192 páginas



248 páginas

Em edição encadernada e de bolso, este clássico da espiritualidade mariana nos convida a experimentar a verdadeira devoção à Santíssima Virgem e apresenta o método de consagração total a Jesus pelas mãos de sua Mãe: “Totus tuus ego sum” (“Todo teu eu sou”), lema do pontificado de São João Paulo II.

Prezadas irmãs, prezados irmãos, graça e paz!

Certa vez o escritor Ariano Suassuna (1927-2014) afirmou que há pelo menos dois fenômenos que unem o Brasil, considerando o tamanho da sua extensão territorial: a língua portuguesa e a cultura popular. Essa unidade não é uniformidade. Diz respeito a uma unidade de contrastes, na variedade. Com a pluralidade e as variações linguísticas, do Oiapoque ao Chuí, falamos a mesma língua. E o bonito de tudo isso são as expressões e os sotaques vários característicos de cada região e lugar.

Nossa língua e a nossa cultura popular podem ser comparadas a uma belíssima colcha de retalhos de muitas cores, feita de muitos tecidos. Colcha costurada pelas mãos sensíveis das mulheres de muitos partos, dores e olhares atentos e cheios de esperança. Nossa língua e a nossa arte nascida do povo podem ser comparadas também a um varal de roupas estendidas, que tantas vezes meus olhos viram na época da minha infância, vivida no sertão cearense. Havia roupas de todos os tamanhos e cores, colocadas de forma aleatória; no entanto, o varal visto no conjunto constituía uma obra de arte. O vento suavemente fazia as roupas dançarem. Aquilo era uma sinfonia. A luminosidade se enroscava em cada cor, dando a cada roupa a sua característica própria. Mesmo se surradas, de muitos usos e várias vezes lavadas, as roupas exalavam o cheiro de limpeza e transpiravam jovialidade pelo colorido. O azul intenso do céu parecia tocar a terra, e as flores vivas do flamboaiã estendiam e expandiam a beleza do simples ao alcance de meus olhos de criança.

Longe de qualquer ufanismo e apesar de todos os desmandos atuais, ainda podemos nos orgulhar do Brasil. Ocorre que, como bem teorizou o escritor maior de nossa língua, Machado de Assis (1839-1908), há en-

tre nós o “país oficial” e o “país real”. O país oficial é dos privilegiados, das elites. O país real é composto pela enorme maioria do povo, ainda marcada pela chaga da miséria, do analfabetismo e, portanto, à margem. Infelizmente, os que compõem o Brasil oficial costumam virar as costas para o Brasil real. Por vezes, só exaltam o que vem de fora e fecham os olhos para a beleza do Brasil real.

O país real representa o grosso da população brasileira. É o povo que insiste todo dia em encontrar sentido para a vida. Com criatividade e astúcia, descobre brechas para solucionar as enormes carências de bens materiais e espirituais. Aliás, para este povo, o material e o espiritual se imbricam, nem são duas dimensões distintas. O material e o espiritual integram-se num mesmo movimento.

É sobre este movimento integrador que esta edição de *Vida Pastoral* trata, considerando a devoção popular aí inserida. A devoção popular consiste em verdadeiro patrimônio vivo, desde as inúmeras manifestações de amor a Nossa Senhora à veneração aos santos, mesclando fé, vida e arte.

Nossa pastoral tem o dever de estar junto à realidade vivida pelo povo, adentrar a alma festiva de nossa gente, que, apesar de todas as mazelas, faz da fé a sua arte e a sua festa. É claro que não se trata de vale-tudo. Estamos falando da Boa-Nova que Jesus de Nazaré nos ensinou. Ele é o nosso modelo. Ele sempre preferiu o “real” ao “oficial”. Assim como fez Jesus, cabe a nós evitar preconceitos e discórdias. É nossa missão viver em comunidade, respeitando a pluralidade e a unidade de contrastes, por uma Igreja bela, profética, festiva e dinâmica.

Boa leitura e feliz missão!

Pe. Antonio Iraildo Alves de Brito, ssp
Editor

Editora	PIA SOCIEDADE DE SÃO PAULO
Jornalista Responsável	Valdir José de Castro, ssp
Editor	Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp
Conselho editorial	Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp Claudio Avelino dos Santos, ssp Darci Luiz Marin, ssp Paulo Sérgio Bazaglia, ssp
Ilustrações	Elinaldo Meira
Editoração	Fernando Tangi
Revisão	Alexandre Soares Santana e Caio Pereira

Assinaturas	assinaturas@paulus.com.br (11) 3789-4000 • FAX: 3789-4011 Rua Francisco Cruz, 229 Depto. Financeiro • CEP 04117-091 • São Paulo/SP
Redação	© PAULUS – São Paulo (Brasil) • ISSN 0507-7184 vidapastoral@paulus.com.br paulus.com.br / paulinos.org.br vidapastoral.com.br

Periódico de divulgação científica. Área: Humanidades e artes.
Curso: Teologia.

Vida Pastoral – Assinaturas

A revista *Vida Pastoral* é distribuída gratuitamente pela Paulus. A editora aceita contribuições espontâneas para as despesas postais e de produção da revista.

Para as pessoas que moram em cidades onde não há livraria Paulus e desejam receber a revista, as assinaturas podem ser efetuadas mediante envio dos dados para cadastro de assinante (nome completo, endereço, telefone, CPF ou CNPJ) e de contribuição espontânea para a manutenção da revista. Para os que já são assinantes e desejam renovar a assinatura, pede-se acrescentar aos dados também o código de assinante.

Para contato:

E-mail: assinaturas@paulus.com.br

Tel.: (11) 3789-4000

Fax: (11) 3789-4011

Para a efetuação de assinaturas, enviar dados e cópia de comprovante de depósito da contribuição para despesas postais para:

Revista *Vida Pastoral* – assinaturas

Rua Francisco Cruz, 229 – Depto. Financeiro

04117-091 – São Paulo – SP

Contas para depósito de contribuição para despesas postais:

Banco do Brasil: agência 0646-7, conta 5555-7

Bradesco: agência 3450-9, conta 1139-8

Livrarias Paulus

APARECIDA – SP

Centro de Apoio aos Romeiros
Lojas 44,45,78,79
(12) 3104-1145
aparecida@paulus.com.br

ARACAJU – SE

Rua Laranjeiras, 319
(79) 3211-2927
aracaju@paulus.com.br

BELÉM – PA

Rua 28 de setembro, 61 –
Campina – (91) 3212-1195
belem@paulus.com.br

BELO HORIZONTE – MG

Rua da Bahia, 1136
Ed. Arcângelo Maleta
(31) 3274-3299
bh@paulus.com.br

BRASÍLIA – DF

SCS – Q.1 – Bloco I – Edifício
Central – Loja 15 – Asa Sul
(61) 3225-9847
brasilia@paulus.com.br

CAMPINAS – SP

Rua Barão de Jaguará, 1163
(19) 3231-5866
campinas@paulus.com.br

CAMPO GRANDE – MS

Av. Calógeras, 2405 – Centro
(67) 3382-3251
campogrande@paulus.com.br

CAXIAS DO SUL – RS

Av. Júlio de Castilho, 2029
(54) 3221-7797
caxias@paulus.com.br

CUIABÁ – MT

Rua Antônio Maria Coelho, 180
(65) 3623-0207
cuiaba@paulus.com.br

CURITIBA – PR

Pça. Rui Barbosa, 599
(41) 3223-6652
curitiba@paulus.com.br

FLORIANÓPOLIS – SC

Rua Jerônimo Coelho, 119
(48) 3223-6567
florianopolis@paulus.com.br

FORTALEZA – CE

Rua Floriano Peixoto, 523
(85) 3252-4201
fortaleza@paulus.com.br

GOIÂNIA – GO

Rua Seis, 201 – Centro
(62) 3223-6860
goiania@paulus.com.br

JOÃO PESSOA – PB

Rua Peregrino de
Carvalho, 134 – Centro
(83) 3221-5108
joaopessoa@paulus.com.br

JUIZ DE FORA – MG

Av. Barão do Rio Branco, 2590
(32) 3215-2160
juizdefora@paulus.com.br

MANAUS – AM

Rua Itamaracá, 21, Centro
(92) 3622-7110
manaus@paulus.com.br

NATAL – RN

Rua Cel. Cascudo, 333
Cidade Alta – (84) 3211-7514
natal@paulus.com.br

PORTO ALEGRE – RS

Rua Dr. José Montauray, 155
Centro – (51) 3227-7313
portoalegre@paulus.com.br

RECIFE – PE

Av. Dantas Barreto, 1000 B
(81) 3224-9637
recife@paulus.com.br

RIBEIRÃO PRETO – SP

Rua São Sebastião, 621
(16) 3610-9203
ribeiraopreto@paulus.com.br

RIO DE JANEIRO – RJ

Rua México, 111-B
(21) 2240-1303
riodejaneiro@paulus.com.br

SALVADOR – BA

Rua Direita da Piedade, 75
Barris (71) 3321-4446
salvador@paulus.com.br

SANTO ANDRÉ – SP

Rua Campos Sales, 255
(11) 4992-0623
stoandre@paulus.com.br

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO – SP

Rua XV de Novembro, 2826
(17) 3233-5188
riopreto@paulus.com.br

SÃO LUÍS – MA

Rua do Passeio, 229 – Centro
(98) 3231-2665
saoluis@paulus.com.br

SÃO PAULO – PRAÇA DA SÉ

Praça da Sé, 180
(11) 3105-0030
pracase@paulus.com.br

SÃO PAULO – RAPOSO TAVARES

Via Raposo Tavares, Km 18,5
(11) 3789-4005
raposotavares@paulus.com.br

SÃO PAULO – VILA MARIANA

Rua Dr. Pinto Ferraz, 207
Metrô Vila Mariana
(11) 5549-1582
vilamariana@paulus.com.br

SOROCABA – SP

Rua Cesário Mota, 72 – Centro
(15) 3442-4300 3442-3008
sorocaba@paulus.com.br

VITÓRIA – ES

Rua Duque de Caxias, 121
(27) 3323-0116
vitoria@paulus.com.br



Maria de Nazaré: aspectos bíblicos, eclesiais e devocionais

Jonas Nogueira da Costa, ofm*

O amor não se contenta com superficialidades. A Igreja, em seu afeto pela Mãe de Jesus, debruça-se sobre o mistério da encarnação do Verbo e contempla a singularidade daquela que se entende como “a serva do Senhor” (Lc 1,38).

*Frade franciscano, pertence à Ordem dos Frades Menores. Doutorando em Teologia Sistemática (ênfase em Mariologia) pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Faje). Professor no Instituto Santo Tomás de Aquino (Ista), em Belo Horizonte-MG, e no Seminário Diocesano Nossa Senhora do Rosário, em Caratinga-MG. E-mail: nogueira905@gmail.com

Introdução

São incontáveis as vozes que diariamente dizem “Ave, Maria!”. Saudando a Mãe de Jesus, cada uma delas traz presentes as Sagradas Escrituras, por meio das palavras do anjo (cf. Lc 1,28) e de Isabel (cf. Lc 1,42), como também traz o senso eclesial do papel materno-messiânico de Maria e um pedido pela sua contínua intercessão pelo povo de Deus em peregrinação. Tudo isso numa singela oração, uma das primeiras que aprendemos, a qual, não obstante sua simplicidade, apresenta a Virgem Maria em seus aspectos mais fundamentais.

Esses aspectos fundamentais, que nos dão a conhecer a Mãe de Jesus, devem estar bem



unidos uns aos outros. Parece desnecessário dizer isso, mas existe o perigo de que “um falso exagero, como também de [uma] demasiada pequenez de espírito” (LG 67) venham a dividir a Virgem em “três Marias”, ou seja, a Maria encontrada nos evangelhos, a que encontramos nas definições dogmáticas e nas elaborações teológicas e, por último, a Maria venerada pela piedade popular (BALIC, 1973, p. 174).

Tal divisão é insustentável quando tomamos o texto que é a base de nossa mariologia contemporânea, o Capítulo VIII da *Lumen Gentium*, intitulado “A Bem-Aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus, no mistério de Cristo e da Igreja”. Nesse texto do magistério da Igreja, não encontramos uma divisão da pessoa de Maria, mas uma progressão no conhecimento de sua pessoa e missão, partindo da “economia da salvação” presente nas Escrituras, passando pelas questões mariológicas relevantes ao nosso tempo e concluindo com as orientações sobre o culto mariano e a contemplação de Maria como um sinal de esperança e de consolação.

Na trilha metodológica da *Lumen Gentium*, queremos apresentar nossa reflexão mariana, destacando alguns aspectos bíblicos da fisionomia de Maria, para depois vermos como se harmonizam com os dogmas relacionados a ela e, por último, como todo esse conjunto “deságua num rio de afeto” à Virgem traduzido pela piedade popular.

1. Aspectos bíblicos

É comum escutarmos que as Sagradas Escrituras falam pouco de Maria. De fato, *quantitativamente* falam muito pouco e, no pouco que falam, não nos trazem detalhes sobre sua pessoa, como aparência, costumes cotidianos e datas significativas. Contudo, nesse pouco que nos é transmitido, encontra-

mos excepcional densidade que relaciona a Mãe de Jesus com a história da salvação, pensada, sobretudo, a partir da encarnação – Páscoa – Pentecostes (VALENTINI, 2007, p. 21). Assim, “Maria, que entrou intimamente na história da salvação, de certo modo reúne em si e reflete as maiores exigências da fé [...]” (LG 65).

Por ela reunir em si e refletir as exigências da fé é que lançamos o olhar ao Antigo Testamento não procurando a pessoa Maria de Nazaré, mas os contornos de sua espiritualidade, que é a espiritualidade do povo de Deus, vida, sobretudo, na história das mães de Israel e de outras corajosas mulheres que não hesitaram em pôr a própria vida em risco por causa da Aliança que Deus fez com seu povo e que deve ser

mantida. Nesse sentido, falamos de *prefigurações marianas* do Antigo Testamento: imagens retiradas desse conjunto textual que servem para compreendermos a espiritualidade de Maria de Nazaré enquanto *Filha de Sião* e enquanto a *Nova Jerusalém* em atitude de acolhimento ao seu Messias libertador.

Mas por que os textos bíblicos não se dedicaram a falar mais de Maria, deixando essas poucas informações, na maioria encontradas nos chamados “Evangelhos da Infância”, ou seja, nos dois primeiros capítulos de Mateus e Lucas? Não podemos nos esquecer de que as primeiras comunidades tiveram um desafio muito grande: explicar como Aquele que morreu da forma mais humilhante é o Senhor da glória. Isso constitui um objeto prioritário na explicitação de sua fé, de modo que a figura de Maria está a serviço dessa proclamação do Crucificado como o Senhor vivo e presente na comunidade e na história.

Nesse sentido, Maria é a imagem do povo de Deus que professa Jesus como o Messias, o ungido de Deus Pai com a força do Espírito

“A figura de Maria está a serviço da proclamação do Crucificado como o Senhor vivo e presente na comunidade e na história”



Santo. Enquanto imagem do povo em atitude de abertura/acolhimento, ela aponta para um mistério maior que sua vida: “a Palavra se fez carne e veio morar entre nós” (Jo 1,14). Maria é a testemunha privilegiada de que essa Palavra se fez carne, pois se fez *verdadeiramente humano* em seu ventre. Ela é chave privilegiada de contemplação da humanidade de Jesus, garantindo-nos que ele nasceu, entrou em nossa história, se fez um de nós, com exceção do pecado.

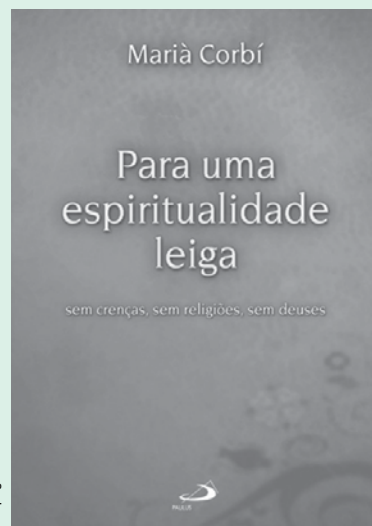
À luz desse testemunho messiânico de Maria no Novo Testamento, gostaríamos de destacar brevemente três dimensões: Maria concebe Jesus na força do Espírito Santo, sua condição de mulher pobre em Nazaré e sua fé no Deus de Israel.

O Novo Testamento reconhece em Jesus o Messias, o Cristo de Deus Pai, pois ele é, por excelência, o ungido de Deus Pai com o Espírito Santo. Sendo assim, sua entrada na história da humanidade, como humano, é evento pneumatológico. É na força do Espírito Santo que Maria concebe Jesus. Essa afirmação está em consonância com todos os evangelhos que apresentam Jesus como Aquele que está “cheio do Espírito Santo”. É curioso observar que aquele que foi concebido pelo Espírito Santo também ressuscita no poder do Espírito Santo. Desse modo, Maria é apresentada como a terra virginal do paraíso que, sob a sombra do Altíssimo, concebe um novo mundo, uma nova criação em Jesus, seu filho.

A relação de Maria com o Espírito Santo apresenta uma singularidade toda nova, contudo essa realidade não a retira da história concreta de seu tempo. A mãe do Messias, marcada pelo Espírito Santo, é uma jovemzinha da cidade de Nazaré. Lembrar a cidade de Nazaré não é mera curiosidade quanto ao lugar de origem de Maria, mas informação que acentua a opção preferencial de Deus pelos pobres, pois essa cidade, que nem sequer existia no mapa de seu tempo, era marcada profundamente pela pobreza. Tanto que, ao

Para uma espiritualidade leiga sem crenças, sem religiões, sem deuses

Marià Corbí



296 págs.

A religião – uma vez superada sua missão de programar coletividades – surge livre dos limites estabelecidos pelas crenças e pela ortodoxia exclusiva e assume a forma de uma espiritualidade criativa e, por sua vez, herdeira da rica e diversificada tradição espiritual de toda a humanidade. Este livro pretende resgatar para nosso tempo a sabedoria humana e espiritual das grandes tradições religiosas da humanidade em um contexto cultural inevitavelmente leigo.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



levarem Jesus ao templo, Maria e José oferecem um par de pombinhos (cf. Lc 2,24), o sacrifício oferecido pelos pobres segundo o livro do Levítico (cf. Lv 12,8).

Também Maria foi uma mulher de fé (cf. Lc 2,45). Acreditou na palavra de Deus expressa na tradição de Israel, na palavra do anjo, acreditou em seu Filho e, mesmo depois de sua morte e ressurreição, está reunida, na comunhão da Igreja nascente, em oração. E na condição de mulher de fé, fez de toda a sua vida uma oração inserida no seu cotidiano de mãe e esposa, de mãe de um jovem perseguido e morto na forma humilhante da cruz, de uma seguidora do próprio Filho à espera do Espírito Santo.

Poderíamos elencar outros elementos que o Novo Testamento tem para nos oferecer, contudo esse breve elenco de elementos nos remete ao que queremos destacar dos textos neotestamentários: em Maria não há dicotomia entre fé e vida, entre o Espírito de Deus e a história da humanidade; entre sua profunda comunhão com Deus em sua intimidade e a profunda comunhão com Deus na fraternidade do movimento de Jesus. Maria é a mulher toda de Deus na história concreta da humanidade.

2. Aspectos eclesiais

A Igreja conservou essa discreta singularidade de Maria, encontrada no Novo Testamento, de diferentes modos, desde pinturas até o culto mariano. Contudo, o lugar em que mais se concentra a percepção eclesial dessa singularidade são os dogmas relacionados a Maria.

São quatro os dogmas que se relacionam com sua pessoa, a saber: maternidade divina, virgindade perpétua, imaculada concepção e

assunção ao céu. Todos eles estão intimamente ligados pela profissão de fé em Jesus como o Filho de Deus. Vejamos o primeiro dogma.

Em 431, o Concílio de Éfeso se ocupou em esclarecer a forma como a humanidade e a divindade de Jesus se relacionam em sua pessoa. Compreende-se que Jesus é todo humano e todo divino, sem que primeiro fosse humano e depois a divindade pousasse sobre sua humanidade como que num templo. Logo, podemos dizer que Maria é verdadeiramente Mãe de Deus “segundo a carne” assumida pelo Verbo.

Mas como Maria viveu essa real maternidade? Existe uma singularidade nela? Essa singularidade é a virgindade perpétua de Maria, que, num sentido mais profundo da afirmação, nos diz que Maria viveu totalmente consagrada ao projeto de Deus Pai, em nada incorrendo em qualquer forma de idolatria; ela é uma criatura totalmente de

Deus. Sendo toda de Deus, sua vida é de total abertura à ação do Espírito Santo, e por essa acolhida ao Paráclito é que professamos, com o Credo Niceno-Constantinopolitano, que o Verbo “se encarnou pelo Espírito Santo no seio da Virgem Maria”. Sua virgindade corporal e espiritual (ausência de qualquer idolatria) foi consagrada com a maternidade do Verbo; logo, sua virgindade não é algo periférico ou instrumental, mas uma dimensão visceral do seu ser, de modo que o Concílio de Constantinopla II, em 553, irá nos dizer, em conformidade com o que a grande Igreja já dizia, que a Mãe de Jesus é a “sempre-virgem (*aei-parhenos*) Maria”.

Quando falamos de virgindade, é sempre muito importante deixar claro que a virgindade é um dom de Deus e uma resposta humana que implica uma atitude de abertura

“É na força do Espírito Santo que Maria concebe Jesus. Essa afirmação está em consonância com todos os evangelhos que apresentam Jesus como Aquele que está cheio do Espírito Santo”



amorosa e liberdade psicológica, pois do contrário seria endurecimento de coração e algum tipo de patologia.

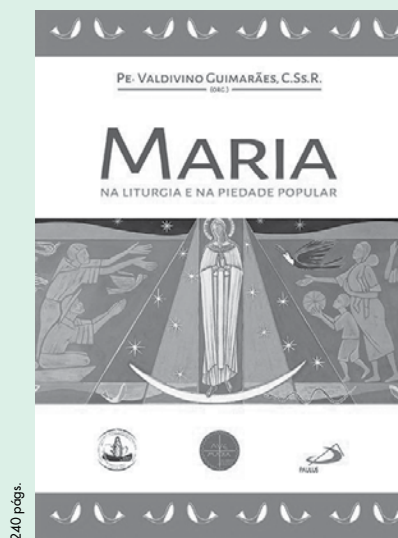
Maria é a maior e melhor expressão da virgindade, porque esta é vivida na fecundidade do Espírito Santo. Desse modo, sua virgindade está a serviço da ação do Espírito, que nos atesta a dupla origem de Jesus: a divina, na condição de “Verbo do Pai” (Jo 1,18), e a humana, pois nos referimos a alguém “nascido de mulher” (Gl 4,4). A maternidade virginal de Maria é radical consagração a Deus Pai, na história da salvação centrada em Jesus Cristo, a serviço e na força do Espírito Santo.

Ao dizermos que Maria é radicalmente consagrada a Deus, podemos incorrer em grave erro: não reconhecer a iniciativa de Deus em direção a ela. Criação, salvação e santificação são sempre uma ação de Deus em direção à humanidade, um transbordamento de seu amor que atinge todo o universo, numa clara manifestação da sua bondade e gratuidade. Toda a criação está marcada pela graça desde os primórdios. Logo, a graça é anterior ao pecado. E como expressão do primado da graça de Deus é que a Igreja afirma, com o dogma da Imaculada Conceição de Maria, proclamado por Pio IX em 1854, que, em virtude da encarnação do Verbo, Maria foi preservada do pecado original, ou seja, “foi redimida de modo mais sublime” (LG 53), para acolher no seu seio o Filho de Deus e para testemunhar a redenção universal de todos os fiéis, recebendo por graça a “redenção preventiva”. Podemos dizer, então, que a Imaculada Conceição “é o triunfo unicamente da graça de Deus: *sola gratia*” (LAURENTIN, 2016, p. 173).

Mas tal triunfo se encerra com a morte de Maria? Qual foi o destino último daquela que nos trouxe o Salvador? Uma das primeiras vozes na Igreja a se perguntar sobre o fim da vida terrena de Maria foi o bispo de Salamina, santo Epifânio, numa carta do ano de 377 (LAURENTIN, 2016, p. 76 e 90). A partir dessa pergunta

Maria na liturgia e na piedade popular

Pe. Valdivino Guimarães, C.Ss.R. (org.)



240 págs.

Livro com artigos de autores diversos, apresenta estudos a respeito de Maria, a Mãe do Salvador. Com múltiplas citações, que vão de documentos conciliares a obras de espiritualidade, de comentários de muitos pontífices a apreciações de santos da Igreja Católica, esta obra enaltece a figura de Maria de Nazaré, a mãe de Jesus, o Santo de Deus.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



inicial, a Igreja foi tomando maior consciência de que Maria foi a primeira pessoa a ser assumida pelo poder da ressurreição de Cristo (cf. Fl 3,10) e de um modo singular, sendo totalmente assumida por Deus, em toda a sua realidade de pessoa, ou seja, assumida por Deus em “corpo e alma”. Com isso, Maria não fica separada da vida concreta de nossa história, mas se torna nossa companheira na caminhada como um sinal de esperança em Deus. É o que o documento de Puebla nos diz: “Maria, por sua livre cooperação na nova aliança de Cristo, é junto a Ele protagonista da história. Por esta comunhão e participação, a Virgem Imaculada vive agora imersa no mistério da Trindade, louvando a glória de Deus e intercedendo pelos homens” (CNBB, n. 293).

Assim, em 1950, Pio XII proclama que “a imaculada [Mãe de Deus], sempre virgem Maria, completado o curso da vida terrestre, foi assumida em corpo e alma na glória celeste” (DENZINGER; HÜNERMANN, n. 3.903).

Resumindo a questão dos dogmas relacionados a Maria, é mister evidenciar que os dogmas da Maternidade Divina e da Virgindade Perpétua relacionam-se diretamente com a pessoa de Jesus e sua missão messiânico-soteriológica; logo, são dogmas cristológicos e, num segundo momento, marianos. Já os dogmas proclamados por Pio IX e Pio XII são mais específicos em seus enunciados sobre a pessoa, o papel e o destino de Maria, mas não deixam de falar sobre algo que é comum a todos nós, pois todos, pelo batismo, somos resgatados pela graça original e nos é dada a condição de filhos e filhas de Deus, destinados à salvação na glória celeste (PERRELLA, 2003, p. 56). Neste sentido é que falamos que o dogma da Imaculada Conceição é um dogma mariano e soteriológico e que o dogma da Assunção de Maria é mariano e escatológico.

3. Aspectos devocionais

Só houve um desenvolvimento dogmático em torno da Mãe de Jesus porque, primeiramente, compreender o papel de Maria na história da salvação é uma forma de compreender Jesus como o Messias e o Filho de Deus. Mas também porque, no coração da Igreja, se foi desenvolvendo um verdadeiro amor para com a Mãe de Jesus, amor que se traduziu em expressões de devoção.

Tal devoção mariana e popular ganhou grande impulso, sobretudo, depois do Concílio de Éfeso, mas já antes temos elementos importantíssimos dessa relação de devoção à Mãe de Jesus. É o que inferimos quando deparamos com o afresco da Virgem e o Menino Jesus, pintado nas catacumbas de Priscila, em Roma, de aproximadamente 150

d.C. Ou ainda com a oração *Sub tuum praesidium* (“Sob a vossa proteção”), datada do final do século III ou início do século IV.

Nesses simples exemplos elencados, temos dois elementos característicos de toda piedade mariana do primeiro milênio da Igreja: a imagem de Maria sempre unida a seu Filho e a sua intercessão na Igreja.

Ambos parecem ser de uma obviedade muito grande, mas merecem ser destacados a par de expressões piedosas pouco salutaras que encontramos nos dias de hoje. No primeiro milênio do cristianismo, Maria era sempre representada com Jesus, com raras e pontuais exceções. Pensar Maria sempre unida a seu Filho é entendê-la no seu papel materno-messiânico, encontrado nos evangelhos e na proclamação de Maria como *Theotokos* (431). Ela é toda relativa a Jesus, mostrando-o como o “caminho, a verdade e a vida” (Jo 14,6). Tal compreensão contrasta com afirmações surgidas a partir da Idade Média segundo as quais Maria seria como

**“Não podemos
pensar uma
piedade mariana
desvinculada
da Tradição da
Igreja e das
orientações
recebidas
do Concílio
Vaticano II”**



que uma segunda instância de salvação, em que a Mãe bondosa bloqueia a ira do Filho enquanto juiz terrível. Ou como alguém que mereça os mesmos louvores (não adoração) dirigidos a seu Filho, recebendo um culto todo paralelo à liturgia, muitas vezes mesclado de superstições.

O segundo tema que destacamos é a intercessão de Maria. Ela, voltada a Deus Pai, com o Filho e no Espírito Santo, apresenta-se como o ícone da Igreja em oração. Mergulhada no mistério de Deus, na comunhão dos santos, permanece unida a toda a Igreja de Jesus pelo laço da oração e do afeto.

A intercessão de Maria desperta em nós o impulso de repensar algumas questões que o cenário teológico atual retoma com renovado interesse. Por exemplo, o papel do Espírito Santo na oração, pois é ele quem une todos nós na oração, em diferentes tempos e lugares. Sendo ele o laço de amor que une Deus e a humanidade, podemos dizer que é com sua mediação que todos nós rezamos, pois sem o Espírito Santo nossa oração seria um gemido calado no peito, e não um lançar-se no mistério de Deus, vinculado à fraternidade eclesial. É porque Maria está unida ao Espírito Santo que ela recebe nossos pedidos de oração e reza conosco.

Pensar o Espírito Santo como Aquele que nos une a Deus e entre nós em fraternidade ajuda-nos a corrigir a excessiva ênfase dada a Maria que obscureceu o lugar, o papel e a pessoa do Espírito Santo na Igreja ocidental. Nas palavras de René Laurentin: “Foi dito muitas vezes que Maria é toda relativa a Cristo. Não foi dito o suficiente que é toda relativa ao Espírito Santo” (LAURENTIN, 2016, p. 186).

Tal destaque dado a esses dois elementos da piedade mariana do primeiro milênio não implica o desprezo a toda expressão devocional que surgiu a partir do segundo milênio. Lembremos expressões piedosas que constituíram verdadeiras “escolas de santidade”, como a oração e devoção do rosário.

A questão é que não podemos pensar uma piedade mariana desvinculada da Tradição da Igreja e das orientações recebidas do Concílio Vaticano II, orientações essas retomadas com muita propriedade e sabedoria pela *Marialis Cultus*, de Paulo VI. Hoje, não se pode desconsiderar, numa autêntica piedade mariana, a dimensão bíblica, assim como sua relação com a liturgia e com a sensibilidade ecumênica, à qual todos devemos estar atentos.

Outro desafio da piedade mariana é libertar Maria de imagens machistas, coloniais e triunfalistas. Recuperar sua compreensão como mulher e como irmã de todos nós, o que em nada diminui sua virgindade e maternidade eclesial.

Conclusão

O pontificado do papa Francisco nos traz grandes e necessários desafios, sobretudo o de “uma Igreja em saída”. Perguntando pela contribuição da mariologia para esse plano eclesial, deparamos com um urgente desafio: construir uma “mariologia em saída”. Felizmente, alguns significativos passos já estão sendo dados, os quais merecem todo o esforço da comunidade eclesial. Vejamos os “mais urgentes”.

Uma mariologia ecumênica: já não é possível pensar que Maria pertence apenas aos católicos latinos e ortodoxos. Ela é de toda a Igreja de Jesus. Celebrando os 500 anos da Reforma, percebemos que um passo que precisa ser mais bem trabalhado é a mariologia. Ainda estamos longe de alcançar um consenso mariológico, sobretudo em relação aos dois últimos dogmas de 1854 e 1950, mas podemos alcançar a harmonia na busca de formas comuns de expressar o mistério da encarnação, valorizando a singularidade daquela que mais profundamente o experimentou.

Uma mariologia latino-americana: merece destaque nesse empenho o trabalho de Ivone



Gebara e Maria Clara L. Bingemer, com o livro *Maria, mãe de Deus e mãe dos pobres*. Contudo, precisamos de novas pesquisas. A figura de Maria como *conquistadora*, nos moldes europeus e colonialistas, ainda é muito presente, não permitindo que a força libertadora que ela traz consigo alcance com maior vigor os pobres, as mulheres e todas as vítimas da opressão em nosso chão. É preciso que em nossas Igrejas permitamos que a *Virgem do Magnificat* erga seus braços e cante a libertação que começou em Jesus e deve continuar como um processo sociotransformador pautado no evangelho.

Uma mariologia das bem-aventuranças: essa expressão mariológica toma como base o Evangelho de Mateus (5,1-10), percebendo Maria como uma mulher pobre no espírito, que chora, mansa, que tem fome e sede de jus-

tiça, misericordiosa, pura de coração, promotora da paz e perseguida, sempre na perspectiva do Reino de Deus. Muitas vezes nos esquecemos que Maria viveu também na perspectiva do Reino de Deus inaugurado em Jesus, o que a deixou à sombra de seus privilégios. Os privilégios de Maria se pautam na sua inegável singularidade na história da salvação, mas não a desligam dessa história, pois ela é nossa companheira de viagem na luta por um mundo mais justo para todas as pessoas.

Que cada “ave, Maria”, emergindo de um coração sincero, brote nos lábios como um desejo de seguir Jesus como ela o seguiu, de se abrir à grandeza suave do Espírito Santo como ela se abriu, de modo que o Pai receba o louvor e a ação de graças de seu povo santo e sacerdotal. ●

Bibliografia

- BALIC, Carlo. La Chiesa e Maria Santissima. In: VAN LIERDE, Pietro Canisio G. *et al.* *Lo Spirito Santo e Maria Santissima*. Città del Vaticano: Tipografia Poliglotta Vaticana, 1973.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Puebla: a evangelização no presente e no futuro da América Latina*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1979.
- DENZINGER, H; HÜNERMANN, P. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2007.
- DOCUMENTOS do Concílio Vaticano II (1962-1965). São Paulo: Paulus, 1997.
- GEBARA, Ivone; BINGEMER, Maria Clara L. *Maria, mãe de Deus e mãe dos pobres: um ensaio a partir da mulher e da América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- LAURENTIN, René. *Breve trattato sulla Vergine Maria*. Cinisello Balsamo: San Paolo, 2016.
- PAULO VI. *Marialis Cultus*. São Paulo: Paulinas, 1974.
- PERRELLA, Salvatore M. *Maria Vergine e Madre: la verginità feconda di Maria tra fede, storia e teologia*. Cinisello Balsamo: San Paolo, 2003.
- VALENTINI, Alberto. *Maria secondo le Scritture: Figlia di Sion e Madre del Signore*. Bologna: EDB, 2007.

Folheto O Domingo – um periódico que tem a missão de colaborar na animação das comunidades cristãs em seus momentos de celebração eucarística.

Assine: assinaturas@paulus.com.br



Nossa Senhora da Piedade: a imagem de Mãe que nos leva ao Filho

Edson Oriolo*

A terra mineira, com manifestações tão expressivas de fé e religiosidade, emaranhadas de tal forma na sua formação histórica, cultural e antropológica, tem na devoção a Nossa Senhora da Piedade a síntese de sua constituição marcadamente devota e privilegiadamente espiritual. Embora transmigrada do universo devocional europeu, o culto à padroeira de Minas tem raízes populares e laicais, reveladoras da própria trajetória de nosso povo, desde os tempos coloniais até os nossos dias. O arquétipo do sofrimento (dado humano-histórico) e o pendor natural para as alturas (dado geográfico-cultural) fazem da devoção a Nossa Senhora da Piedade legítima expressão de fé encarnada no itinerário da pessoa que crê. No presente artigo, dom Edson Oriolo, partindo de uma leitura icônica da imagem de Nossa Senhora da Piedade venerada no Santuário Estadual em Caeté, propõe uma reflexão sobre o sofrimento na ótica cristã.

*Dom Edson Oriolo, bispo auxiliar de Belo Horizonte, mestre em Filosofia Social, especialista em Marketing, Gestão de Pessoas e Aristóteles. *Leader e Professional Coach*. Escreve para várias revistas e periódicos sobre gestão eclesial, paróquias, Pastoral Urbana e Pastoral do Dízimo.

Introdução

A terra mineira, com manifestações tão expressivas de fé e religiosidade, emaranhadas de tal forma na sua formação histórica, cultural e antropológica, tem na devoção a Nossa Senhora da Piedade a síntese de sua constituição marcadamente devota e privilegiadamente espiritual. Embora transmigrada



do universo devocional europeu (ibérico), o culto à padroeira de Minas tem, entre nós, raízes populares e laicais, reveladoras da própria trajetória de nosso povo, desde os tempos coloniais até os nossos dias. O arquétipo do sofrimento (dado humano-histórico) e o pendor natural para as alturas (dado geográfico-cultural) fazem da devoção a Nossa Senhora da Piedade legítima expressão de fé encarnada no itinerário da pessoa que crê.

Em junho de 2015, nomeado pelo papa Francisco para a missão de bispo auxiliar na Arquidiocese de Belo Horizonte, tive uma experiência mais próxima com o Santuário Nossa Senhora da Piedade e a devoção à padroeira de Minas. Antes de iniciar meu ministério propriamente dito, tive a oportunidade de estar em Belo Horizonte para um primeiro contato com a nova realidade que se apresentava. É evidente que estes contatos iniciais traziam ao coração (algo próprio de tudo o que é novo) as apreensões e incertezas que já seriam supostas. Entre as surpresas e primeiras experiências, destaca-se o momento que motivou a presente reflexão. Dom Walmor Oliveira de Azevedo, arcebispo da capital mineira, convidou-me a subir a Serra de Caeté e conhecer o Santuário Estadual de Nossa Senhora da Piedade, padroeira de Minas Gerais.

Percorridos os cerca de 30 quilômetros que separam a Serra de Caeté do centro de Belo Horizonte, iniciamos a subida, bastante íngreme, que leva à ermida secular da Senhora da Piedade. O dia frio e chuvoso, somado à densa neblina, em tudo me fazia recordar o conhecido percurso da Serra da Mantiqueira, entre minha terra natal, Itajubá-MG, e o Vale do Paraíba, tantas vezes percorrido no encalço de outro santuário mariano – de Nossa Senhora Aparecida. Atingidos os 1.746 me-

tros acima do nível do mar, tendo a impressão de caminhar sobre as nuvens, adentramos a orada tão expressiva onde a imagem de Nossa Senhora, provável obra-prima do gênio mineiro Mestre Aleijadinho, parece envolver-nos em acolhida, compreensão e misericórdia: sua expressão é de sofrimento, porém acrisolada na fé e na esperança.

Vencido o impacto inicial, no aconchego da ermida, num silêncio quase contemplativo, coloquei-me em oração, deixando naturalmente se apresentarem os meus sentimentos e anseios. Por um momento, admirando os traços harmônicos da imagem, imaginei-me no colo de Nossa Senhora da Piedade: sua mão esquerda apoiando minha cabeça, como que abençoando o meu exercício mental e intelectual em vista da missão que se apresentava; a mão direita segurando minha mão, conduzindo-

-a para o seu coração, como a recordar a importância de perseverar nessa proximidade e de cultivar sempre um coração disponível, acolhedor e misericordioso como foi o coração da Mãe de Jesus e da Igreja. Naquele momento, pareceu-me importante aprofundar esses sentimentos. Na consciência aflorava a importância da devoção popular, sobretudo a Nossa Senhora, como a Igreja tem proposto como caminho para uma nova evangelização, para a transmissão da fé.

“O culto à padroeira de Minas tem, entre nós, raízes populares e laicais, reveladoras da própria trajetória de nosso povo, desde os tempos coloniais até os nossos dias”

1. Nossa Senhora na Serra da Piedade

Reza a tradição que, por volta de 1760, duas moças teriam visto, ao passarem pela Serra de Caeté, Nossa Senhora da Piedade. As duas moças (ou, segundo outra versão, uma menina somente) seriam mudas e teriam ficado curadas após a visão de Nossa Senhora, milagre esse atribuído à piedade da Mãe de Deus. Depois da visão e cura, a

serra foi se afirmando como um lugar sagrado para a piedade popular. A partir desse acontecimento, digno de fé, a serra passa a ser vista com olhos diferentes por muitos que a conheciam e começa a ser chamada de Serra da Piedade.

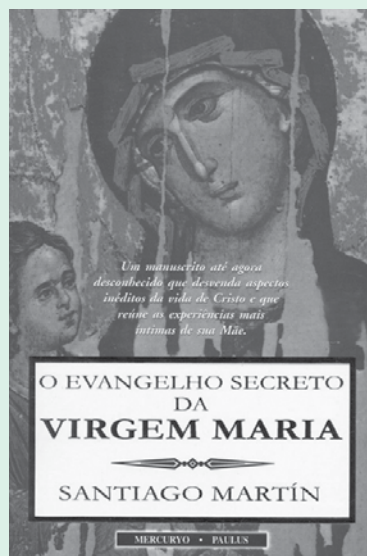
É corrente a lenda de que, num povoado vizinho, denominado Penha, existia uma jovem muda que, certa vez, viu, no alto da Serra, a Virgem Maria, com seu Divino Filho nos braços. Depois da referida aparição, desatou-lhe a língua e ela começou a falar. Passando aquele fato, de boca em boca, talvez a ele se tenha atribuído a influência na escolha do local em que Bracarena construiu o templo em louvor da Virgem da Piedade (VITORIANO, 1967, p. 24).

A atuação miraculosa da Virgem, seja apenas pela aparição, seja pela cura, indicava a sua preferência pelo local. A visão da santa e a cura provocada fazem que se verifique uma afluência de grande número de fiéis, de várias regiões. “Vamos à serra! Vamos à serra!” passa a ser o convite a motivar dezenas, centenas e milhares de pessoas. Estas começam a divulgar entre seus familiares e comunidades a experiência religiosa ali vivenciada. A partir disso, surge a necessidade de construir ali um local para orações. O alto da serra começa, então, a se transformar num ponto de encontro entre milhares de devotos, tanto das Minas Gerais como de outros estados do Brasil.

Nesta região, mais precisamente na cidade de Sabará, havia um senhor, Antônio Bracarena, que muitos historiadores apontam como um foragido de Portugal. Ele viera procurar em Minas o isolamento e o anonimato que o livrassem de perseguições ou da prisão. Exercia o ofício de pedreiro, mediante o qual veio a se tornar um homem abastado naquelas paragens.

O evangelho secreto da Virgem Maria

Santiago Martín



224 págs.

Baseado no evangelho apócrifo da Virgem Maria encontrado por uma monja no final do século IV durante uma viagem que empreendeu à Terra Santa, este livro reconta a vida de Cristo sob o ponto de vista de sua mãe, que, já no final da vida, tece suas recordações a João, o discípulo amado de Cristo, que Ele encarregou de cuidar de Maria. Com sua leitura, vai surgindo a imagem de uma mulher corajosa, que amou e sofreu muito, viu matarem o seu filho e foi capaz de resistir à prova sem perder a fé nem a esperança.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



O senhor Bracarena queria enriquecer e voltar para seu país. Seu projeto de retorno à terra natal, porém, acabou por ser abandonado em decorrência dos acontecimentos que lhe despertaram a atenção: a aparição de Nossa Senhora e a cura acontecida na serra. Com a propagação do relato da visão que as moças tiveram de Nossa Senhora da Piedade e a cura de muitos outros romeiros que começavam a ir até lá, a serra, que em nada chamava a atenção, tornou-se um lugar de peregrinação.

Para facilitar a chegada das pessoas ao alto da serra, Bracarena decide construir ali algo que estimulasse ainda mais tal caminhada: uma capela, que seria um referencial para o andarilho – fosse penitente ou estivesse ansioso por um local adequado para orar e aproximar-se das coisas divinas.

Após requerer todas as licenças necessárias para construir uma capela em lugar de tão difícil acesso, começa a desfazer-se de seus bens para financiar os custos do empreendimento. Bracarena ocupa todo o seu tempo na construção da capela ou, conforme suas próprias palavras, em servir a Mãe de Deus.

Foi exatamente no dia 30 de setembro de 1767 que a Diocese de Mariana-MG autorizou a construção da capela dedicada a Nossa Senhora da Piedade no alto da serra. Depois de 191 anos de muita devoção, o papa João XXIII, em 1958, proclama Nossa Senhora da Piedade como padroeira de Minas Gerais.

2. A imagem de Nossa Senhora da Piedade

Quem entra na ermida se depara com uma bela imagem de Nossa Senhora da Piedade num retábulo em estilo rococó. A imagem, em

estilo barroco, é peça de indubitável valor artístico, não só pela riqueza de composição, como também pelo acabamento precioso e de grande expressividade. Sua procedência e autoria não podem ser comprovadas.

Sobre a imagem de Nossa Senhora da Piedade, temos alguns comentários: “Nada dizem os documentos encontrados a respeito da ima-

gem, se feita no Brasil ou se viera da metrópole” (MENEZES, 1971). “A imagem que até hoje ali se venera – e que tem fama de milagrosa – é a mesma que Bracarena mandou vir de Portugal” (ALMEIDA, 1950, p. 269).

Bibliografia mais recente relativa à imagem de Nossa Senhora da Piedade atribui sua autoria a Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho. O *Dicionário de artistas e artífices dos séculos XVIII e XIX em Minas Gerais*, de Judith Martins, bem como o trabalho do professor Edmundo Bezerril Fontenelle, *O Aleijadinho na Serra da Piedade*, buscam provar a referida autoria, apontando, na escultura, a presença das características mais marcantes do trabalho do célebre artista.

A imagem está na capela no alto da serra. Colocada em nicho central ao retábulo e sobre um pedestal, suas formas são valorizadas pela luz que jorra da janela circular, situada na parede posterior da capela-mor. Essa luz enfatiza o efeito barroco de profundidade pelas mutações que opera sobre as superfícies da imagem constituída de uma unidade tripartida: a Virgem Dolorosa, tendo deitado em seu regaço o Filho morto, cuja cabeça repousa sobre um querubim.

Esculpida em cedro nacional e medindo 1,25 metro de altura por 1 metro de largura, apresenta-se em composição piramidal, tendo como vértice a cabeça da Virgem, cujo olhar

“Esculpida em cedro nacional e medindo 1,25 metro de altura por 1 metro de largura, apresenta-se em composição piramidal, tendo como vértice a cabeça da Virgem, cujo olhar compungido se dirige à cabeça inerte do Filho à sua esquerda”

compungido se dirige à cabeça inerte do Filho à sua esquerda. Levemente diagonal em relação à base, o corpo de Cristo mostra-se com uma incorreção anatômica, com o objetivo de poder ser contido no colo da mãe. Apesar de ter modelagem potente, nota-se não haver espaço suficiente para conter um corpo viril como o sugerido pelo tronco em que ele se apoia (MENEZES, 1971, p. 48).

Nossa Senhora da Piedade está vestida de maneira sóbria, e as várias restaurações por que passou deixaram à mostra, no planejamento, uma estamparia floral em ouro, evidenciando o apuro e cuidado com que foi executada.

3. A imagem religiosa de Nossa Senhora da Piedade

A imagem evoca a divindade. Leva-nos a participar do mistério que exprime. Está repleta de mensagem teológica, não pela argumentação racional, mas pela própria densidade imagética. Por isso, a imagem de Nossa Senhora da Piedade suscita sentimento de reconforto, de proteção, de sentir-se em casa, de acolhida, de ternura, de gratidão, de louvor. Quantos sentimentos podemos ter e manifestar aos pés dessa imagem, que nos transmite duas realidades: a mensagem que ela deseja comunicar por meio da contemplação e o que podemos manifestar, de dentro de nós, mediante a oração.

Uma vez que a imagem não é apenas um retrato, uma lembrança, mas uma mensagem densa de significado traduzida simbolicamente, é como se Jesus estivesse interrogando aqueles espiões “que se fingiam de justos” (Lc 20,20).

A Senhora da Piedade traz Jesus em seu colo. Essa representação ultrapassa a materialidade daquilo que vemos e nos leva para o sobrenatural, assim como a refletir que nascemos do colo de nossa mãe. O colo materno que nos acolheu, alimenta e propicia o espaço para nos tornarmos seres humanos. Desde o início, so-

Maria de Nazaré

Breve tratado de mariologia

Daniela Del Gaudio



Este livro foi escrito na intenção de oferecer uma primeira aproximação à pessoa de Maria de Nazaré, seguindo a orientação histórico-salvífica que o Concílio Vaticano II ofereceu aos cultores de mariologia. Como um estudo sobre Maria segundo as Escrituras, a tradição e a história, a intenção é apresentar a figura da Virgem Maria inserida no mistério de Deus, da Igreja e da humanidade.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



mos carregados nesse colo, que, depois do nascimento, se torna um bálsamo no qual nos deitamos e nos alimentamos, física e emocionalmente. Um colo ao qual se pode continuar a ser sempre bem-vindo durante a vida toda.

O devoto se dirige constantemente à Mãe de Jesus para pedir e agradecer. E os motivos são muitos: proteção recebida como cura de doenças, solução de problemas familiares, pedido de paz para o coração e força para a missão diária.

Pode-se dizer que a imagem da Piedade ajuda a vivenciar esta realidade. “Maria é, ao lado do seu Filho, a imagem mais perfeita da liberdade e da libertação da humanidade e do cosmo” (*Libertatis Conscientia*, n. 97).

A imagem de Nossa Senhora da Piedade está repleta de mensagem teológica, não pela argumentação racional, mas pela própria densidade devocional. Trata-se de uma das marcas do catolicismo brasileiro. A devoção mariana sempre esteve presente no processo evangelizador. Não é errado afirmar que, no Brasil, Jesus veio pelas mãos de Maria.

Assim, Maria foi para o nosso povo e é, de fato, a estrela da evangelização, como a chamou o papa Paulo VI (*Evangelii Nuntiandi*, n. 82). “Ela é o ponto de união entre o céu e a terra. Sem Maria desencarna-se o evangelho, desfigura-se e transforma-se em ideologia, em racionalismo espiritualista” (*Documento de Puebla*, n. 301).

A imagem de Nossa Senhora da Piedade manifesta a beleza e a simplicidade do sofrimento de todas as mães. Nela se percebe tudo o que uma mãe deseja: proteger o seu filho, assim como o filho busca encontrar no colo de sua mãe a proteção materna. Acontecem confidências que não se fazem senão à própria mãe.

Pode-se adivinhar o que sente o peregrino no mais íntimo do coração. Ao postar-se diante da imagem de Nossa Senhora da Piedade, fecha os olhos em silêncio, balbucia sua prece e quer tocar, acariciar e beijar a imagem. Essa mãe, sob o título da Piedade, tem em suas entranhas a misericórdia; sabe consolar, inspira autoestima, infunde coragem e garante proteção a quem a procura naquele monte sagrado.

Mas o diferencial da beleza da imagem é que ela nos leva ao mistério de Cristo. Nossa Senhora da Piedade não é figura isolada ou santa mais importante do que Jesus. Ela, ao mesmo tempo que está com Jesus ao colo, no-lo apresenta para que o sigamos.

A imagem de Nossa Senhora da Piedade traz-nos uma lição importante: o equilíbrio que deve haver entre o culto a Maria e sua centralidade cristológica. Assim, resgata-se a contribuição do Concílio Vaticano II no sentido de re-colocar Maria no lugar certo.

“Nossa Senhora da Piedade não é figura isolada ou santa mais importante do que Jesus. Ela, ao mesmo tempo que está com Jesus ao colo, no-lo apresenta para que o sigamos”

4. A imagem que nos leva a Cristo

A imagem de Nossa Senhora da Piedade, que apresenta o Filho no colo da mãe, revela que Maria é uma pessoa viva e, sobretudo, uma mãe que se preocupa com a sorte de seus filhos e filhas. Nesta imagem, Maria, além de manifestar o poder de gerar Deus, demonstra o zelo de cuidar dos filhos dele.

Neste contexto, observamos o carinho, o amor e a ternura do povo de Deus para com Nossa Senhora da Piedade. A partir daí, podemos falar da fé expressa pela piedade popular.

A *Sacrosanctum Concilium* e alguns recentes documentos do Magistério sobre a religiosidade popular ensinam:

A piedade popular, que se exprime de diversas formas, muito divulgadas, quando genuína, tem como fonte a fé e

deve, portanto, ser apreciada e favorecida. Nas manifestações mais autênticas não se contrapõe à centralidade da Sagrada Liturgia, mas, favorecendo a fé do povo, que a considera sua conatural expressão religiosa, predispõe à celebração dos sagrados mistérios (n. 4).

A piedade popular, sem dúvida, é um tema importante e delicado. No Sínodo dos Bispos de 1974, o cardeal Pirônio sintetizou e definiu a piedade popular como a maneira pela qual o cristianismo se encarna nas diversas culturas e etnias e, assim, é vivido e manifestado pelo povo.

João Paulo II, na *Vicesimus Quintus Annus* (dezembro de 1988), advertiu-nos:

A piedade popular não pode ser ignorada nem tratada com indiferença ou desprezo, pois é rica de valores e, já por si, exprime atitude religiosa perante Deus. Mas precisa ser constantemente evangelizada para que a fé que exprime seja um ato cada vez mais maduro e autêntico. Aconselham-se e recomendam-se as pias práticas e formas de devoção, uma vez que não substituam ou se misturem com as celebrações litúrgicas (n. 18).

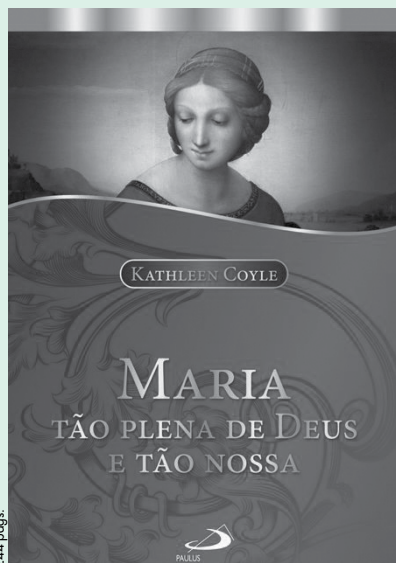
Para ajudar a entender essa realidade, vamos fazer memória do ensinamento do papa Bento XVI, quando escreveu aos seminaristas em outubro de 2010:

A piedade popular tende para a irracionalidade e, às vezes, talvez mesmo para a exterioridade. No entanto, excluí-la é completamente errado. Através dela, a fé entrou no coração dos homens, tornou-se parte dos seus sentimentos, dos seus costumes, do seu sentir e viver comum. Por isso a piedade popular é um grande patrimônio da Igreja. A fé fez-se carne e sangue. Sem dúvida a piedade popular deve ser sempre purificada, referida

Maria

Tão plena de Deus e tão nossa

Kathleen Coyle



O contraste entre a pouca prova bíblica a respeito de Maria de Nazaré e o interesse persistente nela depois de dois mil anos é notável. Como essa lacuna coexiste com o crescimento do culto a Maria no decorrer dos séculos? Foi essa a questão que instigou a professora Coyle a pesquisar mais a respeito dessa mulher, cujo culto acalenta a imaginação religiosa de milhares de cristãos.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



ao centro, mas merece a nossa estima; de modo plenamente real, ela faz de nós mesmos “Povo de Deus” (BENTO XVI, 2010).

Na exortação apostólica *A Alegria do Evangelho*, o papa Francisco dedica-se, em alguns parágrafos, a ressaltar o que ele denomina “a força evangelizadora da piedade popular”. Trata-se de uma visão positiva, pois considera as manifestações religiosas populares, não oficiais e sem controle do clero, como uma expressão do *sensus fidelium*. Não são algo meramente folclórico, mas fazem parte da inculturação da fé. Neste contexto “ganha importância a piedade popular, verdadeira expressão da atividade missionária espontânea do povo de Deus. Trata-se de uma realidade em permanente desenvolvimento, cujo protagonista é o Espírito Santo” (EG 122-126).

No entanto, precisamos entender bem a piedade popular para contemplar a imagem de Nossa Senhora da Piedade de modo que ela favoreça o encontro com Jesus numa experiência cristã de Deus. Maria não é igual a Jesus. Toda de Deus e tão humana, por meio da contemplação da sua imagem, chegamos ao mistério da encarnação do Verbo.

Se, na piedade popular e na devoção a Maria, valorizarmos mais a figura da Mãe do que a do próprio Filho, se essa piedade e essa devoção forem vividas sem clara adesão de fé, correm o risco de se contaminar com deformações e superstições: limitar-se aos desejos imediatos em vez de privilegiar o que é fundamental (visão mágica da fé); acentuar o tradicionalismo, até o fanatismo e o individualismo, que não deixam espaço para a comunhão. Transformam-se, assim, numa alienação da realidade, à margem da Igreja.

Final, é o mesmo Jesus Cristo que todos buscam – os teólogos e os devotos da piedade

popular, principalmente por meio das imagens de Nossa Senhora. Devemos aproveitar os momentos das festas populares dedicadas a Maria

para oferecer uma catequese litúrgica e cristológica, com adequada pedagogia, ajudando os cristãos a avançar do mero culto ao seguimento, da sensibilidade subjetiva à solidariedade para com os mais necessitados. A missão, então, supõe inclusão e aprendizagem.

Entre os santos, destaca-se a Mãe de Jesus, provavelmente a mais popular e a titular de muitas dioceses, paróquias e comunidades. É padroeira, inclusive, da nação brasileira. No Estado de Minas Gerais, temos Nossa Senhora da Piedade. As festas dedicadas aos

títulos de Nossa Senhora são comemorações coletivas de uma crença que congrega toda a comunidade em torno daquela cuja vida foi testemunho, de modo exemplar, da fé em Cristo.

Intimamente unida a Jesus, está também unida ao povo de Deus. Ela acompanha os seus filhos e é para eles fonte inesgotável de esperança. Por isso, recorre-se a Maria como Mãe do Salvador, para sentir constantemente a sua proteção amorosa, sob muitas devoções. E Nossa Senhora da Piedade tem grande importância para o imaginário do povo católico mineiro, cuja devoção, aperfeiçoada e purificada, constitui forte meio de evangelização e de formação de discípulos missionários de Jesus Cristo.

5. A imagem de Nossa Senhora da Piedade: ícone do sofrimento ressignificado

Ao contemplarmos os traços da imagem de Nossa Senhora da Piedade, venerada há quase três séculos em seu santuário na Serra de Caeté, identificamos um legítimo ícone, tal como é compreendido pela tradição artística cristã. Um sinal sensível que irradia uma presença. O ícone difere da simples representação piedosa na me-

“A piedade popular não é algo meramente folclórico, mas faz parte da inculturação da fé. É verdadeira expressão da atividade missionária espontânea do povo de Deus”

dida em que, quase simultaneamente, esconde e revela o mistério que quer expressar: esconde na medida em que pressupõe um envolvimento de fé, uma leitura contemplativa; revela não apenas para uma admiração estética e piedosa, mas, em vez disso, supondo-as, porque conduz a uma experiência de identificação e autoprojeção que perpassa o racional e a emotividade, integrando-nos no que expõe. O ícone é para contemplar “olhos nos olhos” e assim estabelecer um diálogo no caminho da santificação.

A leitura icônica da imagem da padroeira de Minas nos remete ao mistério da paixão, morte e ressurreição de Jesus com um recorte bem específico: a maternidade, seja ela biológica ou espiritual. O ter/ser mãe é dado essencial na constituição afetiva e autorreferencial do ser humano, também dentro da história da salvação. Aqui, a cena da mãe que traz o filho ao colo serve como pano de fundo para o acontecimento central que é a doação radical de Deus na vitória sobre o pecado e a morte. Maria é ícone do amor de Deus, na medida em que sintetiza o mistério de quem ama sofrendo e sofre amando. A expressão simbólica da imagem de Nossa Senhora, sob o título de Mãe da Piedade, impõe-se como paradigma de sofrimento, lido sob a perspectiva pascal.

Maria nos acolhe com nossos sofrimentos. O Senhor quer nos colocar no colo de sua mãe para que sejamos acolhidos por ela. A mãe passa a mão em nossas chagas e com amor nos cura. O colo de Maria cura as nos-

sas dores e enfermidades da alma. Ela é mãe que sustenta as nossas dores.

Após Jesus ser descido da cruz, Maria, ao pé do madeiro, coloca em seu colo um corpo totalmente chagado e desfigurado. Antes de ser sepultado, Jesus passa novamente pelo colo de Nossa Senhora. Esta é a imagem de Nossa Senhora da Piedade.

Diante dessa convicção, somos impelidos a uma nova mística do sofrimento que tão bem podemos contemplar na imagem de Nossa Senhora da Piedade. O olhar de Maria é de um sofrer profundo, mas não denota desespero, menos ainda simples resignação. É um olhar inconformado, pelo Filho – bom e justo – que aparentemente está aniquilado, mas, sobretudo, consciente da missão e do amor demonstrado no gesto da doação extrema. Maria encara o sofrimento como o entardecer que prenuncia um novo amanhecer. Sofre pelas chagas que lhe marcam a vestimenta, sofre pela rememoração dos açoites e humilhações, sofre pela separação do momento: mas espera com confiança. O anjo do seu lado direito, expressão tradicional da presença da divindade, apoia-lhe o corpo, que segura o corpo do filho, como sinal da fé, da convicção da assistência e presença de Deus: mesmo no sofrimento, Ele é o esteio de sua criatura, a qual é o objeto mais precioso do seu bem-querer.

Outros traços significativos nessa rica iconografia são a posição das mãos – uma sustenta a cabeça do filho e a outra dirige a mão dele na direção do próprio coração – e o fato de Nossa



240 págs.

Fenômenos extraordinários de místicos e santos

Paola Giovetti

Levitação, bilocação, jejum de meses e anos, estigmas, profecias, visões etc. são fenômenos típicos da mística de todos os tempos: eventos aparentemente incríveis, mas tão bem documentados e testemunhados que não se pode duvidar de sua realidade. Neste livro, esses fenômenos são apresentados e discutidos com riqueza de exemplos e testemunhos, compondo um panorama do diálogo dos místicos com o Senhor.

Imagens meramente ilustrativas.

paulus.com.br

11 3789-4000 | 0800-164011

vendas@paulus.com.br

Senhora estar calçada. Certamente, para além das expressões próprias da escola artística, tais detalhes carregam um profundo sentido na leitura do ícone. As mãos de Nossa Senhora traçam um caminho singular da vida espiritual do ser humano: Deus nos deu a sabedoria e o discernimento, representados no intelecto, para afugentarmos, na medida de nosso potencial, o sofrimento de nossos irmãos e irmãs. No entan-

to, nós só o faremos se permitirmos que a mão misericordiosa de Deus conduza os caminhos do coração para o amor e a compaixão. Finalmente, o fato de Nossa Senhora estar calçada nos remete para a prontidão na caminhada. Mesmo no sofrimento, é preciso ir além, vencer a inércia, o medo e continuar o caminho, à espera do dia feliz da ressurreição de cada mazela pela qual possamos passar. ●

Bibliografia

- ALMEIDA, Lúcia Machado. Figuras misteriosas dos séculos XVIII e XIX em Minas Gerais. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais*, Belo Horizonte, 1950.
- ANGELA, Irmã. *O pioneiro da Serra da Piedade*: documentação para uma biografia de monsenhor Domingos Evangelista Pinheiro. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1967.
- BOFF, Clodovis. *Mariologia social*: o significado da Virgem para a sociedade. São Paulo: Paulus, 2006.
- CELAM. *Documento de Aparecida*: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasília: CNBB; São Paulo: Paulus/Paulinas, 2008.
- _____. *Evangelização no presente e futuro da América Latina*: conclusões da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. São Paulo: Paulinas, 1998.
- CEMIG. *Serra da Piedade*. Belo Horizonte, 2004.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2004.
- CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Libertatis Conscientia*: instrução sobre a liberdade cristã e a libertação. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19860322_freedom-liberation_po.html>. Acesso em: 7 dez. 2017.
- GUIMARÃES, Valdivino. *Iconografia de Aparecida*: teologia da imagem. São Paulo: Paulus, 2016.
- MENEZES, Ivo Porto de. Nossa Senhora e a Serra da Piedade. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 30 abr. 1971. Caderno de Turismo.
- MURAD, Afonso. *Maria – toda de Deus e tão humana*: compêndio de mariologia. São Paulo: Paulinas; Aparecida: Santuário, 2012.
- PAPA BENTO XVI. *Carta aos seminaristas*. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/letters/2010/documents/hf_ben-xvi_let_20101018_seminaristi.html>. Acesso em: 7 dez. 2017.
- PAPA FRANCISCO. *Exortação apostólica Evangelii Gaudium sobre o anúncio do evangelho no mundo atual*. Brasília: CNBB, 2013.
- PAPA JOÃO PAULO II. *Vicesimus Quintus Annus*. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/apost_letters/1988/documents/hf_jp-ii_apl_19881204_vicesimus-quintus-annus.html>. Acesso em: 7 dez. 2017.
- PAPA PAULO VI. *Exortação apostólica Evangelii Nuntiandi sobre a evangelização no mundo contemporâneo*. São Paulo: Paulinas, 1975.
- VITORIANO, João Nicodemos. *Compilação da história de Caeté*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1967.



Devoção popular: as festas juninas e a pastoral

Apresentamos um recorte do catolicismo popular brasileiro, contando as histórias de três santos populares: Santo Antônio de Lisboa e Pádua, São João Batista e São Pedro apóstolo. O resgate pastoral da riqueza da teologia popular pode retomar a memória, reacendendo esperanças nestes tempos de sofrimento na vida pública.

Fernando Altemeyer Junior*

*Fernando Altemeyer Junior é graduado em Filosofia e Teologia, mestre em Teologia e Ciências da Religião pela Université Catholique de Louvain-La-Neuve e doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP. Assistente doutor na PUC-SP. E-mail: fajr@pucsp.br

Introdução

O catolicismo popular devocional penetrou as terras brasileiras e se desenvolveu ao abrigo do culto de santos protetores, sendo expressiva manifestação da religiosidade portuguesa na Idade Moderna. Nosso catolicismo plural e em mutação constante nasceu relativamente livre e autônomo, com “muita reza e pouca missa, muito santo e pouco padre”. Há, além dos santos popula-



res, particularmente os das festas juninas – Antônio, João Batista e Pedro –, a presença catalisadora da devoção mariana. Dirá Geraldo Mártires Coelho:

Guardadas certas singularidades, a devoção aos santos populares foi comum à Europa campesina e rural como um todo entre os séculos XV e XVIII, ainda que enfrentando refluxos, como os produzidos pela Reforma e pelo Concílio de Trento. Curiosamente, Reforma e Contrarreforma reuniram-se numa mesma cruzada: o combate às formas populares de religião/ religiosidade, pelo que ofendiam, com suas festas e sua profanidade, a doutrina, a hierarquia, a moral [...]. O combate pela institucionalização das devoções populares, trazendo-as para o plano do doutrinário e do hierarquizado, marcou e tensionou as relações entre essas formas de leitura social erudita da cultura das classes populares e as linguagens dessa mesma cultura, mesmo respeitadas as suas recíprocas intercomunicações (COELHO, 2001, p. 919).

O catolicismo soube resistir, mostrar a sua força popular como um rosto próprio da fé em Deus nos interiores do Brasil. Ele se mesclou com as festas, as comidas, as danças, as culturas indígena, negra e portuguesa, criando um rico mosaico, que se expressa bem no dizer do professor Pierre Sanchis: “Há religiões demais nessa religião” (SANCHIS, 1992, p. 33). São malhas amplas e bem diversificadas que aquecem os corações e fortalecem a resistência dos pobres. Na diversidade e no conflito, o povo acolhe o mistério de Deus nas festas

em compadrio em nossas comunidades. Assim diz Faustino Teixeira: “Há um catolicismo santorial, bem característico de nosso país, possibilitando uma rica ampliação das possibilidades de proteção” (TEIXEIRA; MENEZES, 2010).

1. Santo Antônio, um santo amado e desconhecido

De família notável e importante, nasceu em Lisboa por volta de 1190, segundo os estudiosos antonianos. Filho de Antônio Martinho de Bulhões e Maria Tareja Taveira, foi

batizado com o nome de Fernando Martins de Bulhões. Tornou-se frade franciscano e professor dos irmãos. Conhecia de memória todos os textos sagrados e os comentadores da época. Percorreu a pé toda a Emília, Toscana, Lombardia, Veneza, Bolonha, Romanha, Rimini e Pérsaro. O papa Gregório IX lhe teria atribuído naquele momento o apelido de Arca do Testamento. Morreu em Arcela, cansado e doente, a 13 de junho de 1231, por volta dos 40 anos de idade. O

santo franciscano pregou a pobreza e a penitência, reconfortou os que sofriam, criticou acridamente os ricos (especialmente por conta do pecado da usura e da avareza) e foi duríssimo contra padres relapsos e carreiristas, conclamando-os a uma vida evangélica. Francisco e Antônio são pregadores evangélicos de primeira grandeza de toda a modernidade nascente. Ensinarão que viver é caminhar seguindo o Jesus pobre para um cristianismo reformador.

Durante dois séculos, o culto e a memória de Santo Antônio ficaram ofuscados pela sombra do *Poverello* de Assis, São Francisco. A partir do século XV, e ainda mais fortemente no século XVI, a memória e o culto do lisboeta reverberaram em Pádua, na Itália, expandiram-

“O catolicismo popular se mesclou com as festas, as comidas, as danças, as culturas indígena, negra e portuguesa, criando um rico mosaico”



-se por toda a Europa Ocidental e, com os navegantes portugueses, alcançaram as duas extremidades do planeta: Brasil e Índia. As classes populares de toda a cristandade colonial fizeram dele um santo de predileção e devoção. A partir do século XVII, passaram a invocá-lo para encontrar objetos perdidos, a saúde perdida e até para as causas de difícil solução no amor. Antônio se tornou um intercessor importante na fé e no catolicismo popular devocional. Paradoxal destino daquele que se quis sempre um modesto companheiro de Francisco e um fiel pregador da palavra dos evangelhos. Hoje no Brasil é um dos santos de devoção mais presentes nas cidades e comunidades, trazido pelos portugueses de antanho. Há 34 municípios brasileiros com seu nome, e pelo menos 228 freguesias e algumas catedrais o têm como titular. O segundo santo mais popular no Brasil é São José, o pai adotivo de Jesus.

A devoção dos portugueses expressou-se em quadrinhas como esta do povo oriundo do Minho: “Santo Antônio tem um nicho, a cada canto de aldeia; reza-lhe o povo à noite, depois de comer a ceia”. As trezenas de Santo Antônio se multiplicam e resistem em todos os cantos do país. A devoção se fez tão forte que até foi “criado” no Brasil um Santo Antônio negro! Disse o estudioso potiguar Luiz da Câmara Cascudo:

Muito venerado pelos escravos do Brasil era o Santo Antônio de cor preta. Creio que não se trata do Santo Antônio de Noto, mas a devoção e carinho dos escravos seriam ao verdadeiro Santo Antônio de Lisboa, com o pigmento escuro, que o aproximava dos seus amigos escravos (CASCUDO, 1993, p. 63).

No Brasil, nosso santo lisboeta assume o rosto do povo negro. Santo Antônio se fez negro, como os negros. Pobre, como os pobres. Foi abramileirado aquele que fora um santo luso-italiano. Virou brasileiro. Este cul-

Mariologia social

O significado da Virgem para a Sociedade

Clodovis M. Boff, OSM



728 págs.

Fr. Clodovis M. Boff nos oferece no presente livro uma visão bem articulada da problemática que ele mesmo chamou de “mariologia social”. Essa obra de peso representa o resultado de uma longa e paciente pesquisa sobre o significado especificamente social ou público de Maria nos vários planos: histórico, bíblico, magisterial, dogmático e da devoção popular.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



to antoniano se expandiu por todo o Brasil, nas orações ao santo, nas quais se declamam trovas como esta:

Quem milagres quer achar, contra os males e o demônio, busque logo a Sant'Antônio, que só há de encontrar. Aplaca a fúria do mar, tira os presos da prisão, o doente torna são, o perdido faz achar. E sem respeitar os anos, socorre a qualquer idade; abonem esta verdade, os cidadãos paduanos.

No mundo dos pobres, é muito comum submeter imagens de Santo Antônio a suplícios variados para que cumpra os desejos das moças casamenteiras. Muitas vezes é colocado dentro de poços, mergulhado na água, até que a moça encontre um noivo.

O segredo do santo ainda está sendo redescoberto na pregação e na pastoral popular quando são lidos seus sermões originais:

Santo Antônio de Lisboa vive a sensibilidade, a racionalidade e a fé, no modo do seu mundo e na perspectiva franciscana que constantemente se repete e se renova, sem se contradizer. Podemos dizer que há uma verdadeira pedagogia antoniana: o ensino da procura e o encontro do espiritual no cotidiano, tão característico do Franciscanismo. Santo Antônio dispõe-se a salientá-lo como a atitude a ser despertada e aprofundada na problemática do Cristianismo. Ao longo de seus Sermões, Santo Antônio dirige-se aos homens, com eloquência e persuasão, no sentido de encontrar, para lá das condições do momento, mas dentro desse mesmo transitório, o que a vida tem de sagra-

do, quando entendida com dignidade e na vivência da motivação espiritual da natureza, não através da insuficiente aridez racional, mas partindo da convivência profunda da sensibilidade e da afetividade: o homem é um todo que a sua espiritualidade coordena e aprofunda. Quando se tenta fazer alguma coisa esquecendo esse todo e o papel que a espiritualidade nele tem, a única consequência é o enfraquecimento do homem (REMA, 1987, p. VIII).

Os sermões de Santo Antônio foram escritos em Lisboa e revistos na Itália. O Brasil conheceu mais as legendas de Santo Antônio que a sua pregação, mas há uma marca indelével que emerge das sombras pela devoção e amor ao santo do pão dos pobres. Seus sermões revelam uma cultura e uma inteligência raras e uma personalidade marcante. Disse um dos tradutores antonianos:

Nos sermões antonianos há mais cultura do que eloquência, enquanto eles se destinavam a ensinar, sim, mas também a fazer viver a doutrina ensinada. O seu objetivo moral é bem nítido; a ascese austera seria o meio. Na verdade, Antônio é mais asceta do que místico; interessa-se mais pelos pecadores deste mundo do que pelos eleitos do céu. Esta a razão, talvez, de ser o primeiro a realizar uma pregação de estilo novo, não monástica (REMA, 1987, p. LVII).

Toda a obra antoniana girou em torno da Palavra de Deus dita às pessoas concretas. Nos seus sermões autênticos, temos 3.700 citações do Antigo e 2.400 citações do Novo Testamento. Temos muito a estudar deste nosso amado santo. Especialmente ouvir os seus ser-



mões e suas metáforas, pois são afastados do saber árido e seco. Antônio foi e é o Doutor Evangélico, por tudo que disse, viveu e encarrou. Foi um pregador fulgurante, um martelo de Deus contra os maus prelados e religiosos relapsos. Ler os sermões do taumaturgo português e italiano é conhecer o santo por dentro e reconhecer sua densidade espiritual. Ele é um santo de carne e osso, pouco conhecido em sua vida concreta e em seus gestos proféticos. Mesmo assim, os pobres reconhecem nele um advogado dos pequeninos e sem-voz. Sua festa em 13 de junho abre os festejos juninos e indica a proximidade do inverno austral. Has-tear a bandeira, visitar as capelas, saborear os quitutes caseiros confiando a vida ao santo protetor são algumas marcas que permanecem no coração do povo e que a pastoral deve cultivar e alimentar. Santidade próxima é algo essencial ao cristianismo originário. De certa maneira, Santo Antônio é bela metáfora do próprio Jesus de Nazaré: simples, pobre e companheiro dos pequeninos.

Aqui um texto revelador do santo tão amado pelos brasileiros:

Diz Tamar a Judá: quero o teu anel, o bracelete e o cajado que tens na mão. Estas três coisas representam toda a justiça, que é dar a cada um o que lhe pertence, a saber: o anel da fé a Deus (com ele são marcadas as promessas nos corações dos fiéis), o bracelete da caridade ao próximo (estende o braço para levantar e pôe o ombro debaixo para levar o peso da necessidade fraterna), o cajado da disciplina da penitência a si mesmo (para a gente se defender dum cão e se sustentar para não cair) (REMA, 1987, p. 935-936).

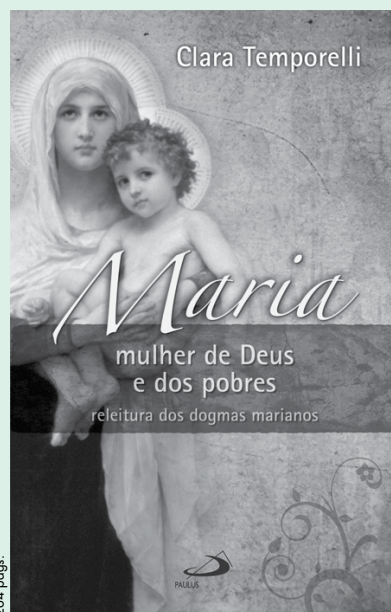
2. São João e a fogueira do povo

O segundo santo da devoção junina que congrega milhões de brasileiros em suas festas, particularmente no Nordeste, é São João. Alguns católicos chegam a acreditar que não

Maria: mulher de Deus e dos pobres

Releitura dos dogmas marianos

Clara Temporelli



264 págs.

Quem é Maria? Muito foi dito e escrito sobre ela. Mas será a verdadeira Maria a mesma da doutrina da fé? Será a da devoção dos crentes? Qual o sentido desse sentimento tão profundo, detectado nas pessoas, com relação a Maria? Que motivos há para que milhares de pessoas se reúnam em seus santuários para orar e experimentar o consolo e a ternura de Deus por meio dela? O propósito deste livro é resgatar a figura de Maria a partir de uma releitura dos dogmas marianos.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



existiria vida feliz sem uma festa joanina. Sem participar da festa nordestina de São João, o ano seria um ano perdido. Milhares de viajantes deslocam-se do Sudeste e Oeste brasileiros para as cidades nordestinas a fim de viver dias de alegria e comunhão com o santo. Festejar São João é esquentar o coração e a memória da terra ancestral.

João, o Batista, nascido em 24 de junho na Palestina, conhecido como primo de Jesus, será degolado no castelo de Macheros em 29 de agosto do ano 31. Foi pregador áspero, intolerante com as injustiças, e um asceta do deserto. Possivelmente ligado ao grupo dos essênios, foi reconhecido como o precursor do Messias tão esperado. São João é festejado com as alegrias transbordantes, com farta alimentação, músicas, danças, bebidas e uma marcada tendência sexual nas comemorações populares, adivinhações para casamento, banhos coletivos pela madrugada, prognósticos de futuro, anúncio da morte no curso do ano próximo. O santo, segundo a tradição, adormece durante o dia que lhe é dedicado pelo povo. E não se deve acordá-lo. Assim diz a trova popular: “Se São João soubesse quando era o seu dia, descia do céu à terra, com prazer e alegria. Minha mãe, quando é meu dia? – meu filho, já se passou! – numa festa tão bonita, minha mãe não me acordou? Acorda, João! Acorda, João! João está dormindo, não acorda, não!” (CASCUDO, 1993, p. 404).

Seu nascimento coincide com o solstício de inverno no Brasil. É a noite mais longa do ano. É momento de fogueiras e muita luz para dissipar as trevas – o demônio da esterilidade das colheitas e das pessoas – e afastar as pestes e calamidades. Momento de saltar as chamas e tornar-se padrinhos e madrinhas de fogueira. Hastear o mastro, colocar batata-doce nas brasas, explodir pipoca, tomar quentão e degustar uma canjica de milho, jogar cana da fogueira

para estourar, beber quentão de vinho ou pinga, vestir-se de caipira e dançar a quadrilha e danças juninas entre adultos, jovens e crianças. E ouvir a reprimenda da mãe para ficar longe da fogueira, a fim de não fazer depois xixi na cama! São João veio nas naus portuguesas acompanhando todas as superstições, crenças e agouros das várias identidades da Península Ibérica. Os indígenas ficaram seduzidos com a alegria da festa e a adotaram imediatamente. As noivas também confiam que João vai aquecer-lhes o coração, dando-lhes um bom marido. Era costume antigo na noite de

São João, em 24 de junho, colocar uma moeda de 1 vintém na fogueira e, no dia seguinte, dar essa moeda chamuscada ao primeiro pobre que aparecesse, perguntando por seu nome. Este seria o sinal do santo para revelar o nome do futuro noivo pretendido. Tudo muito ligado ao mundo das surpresas da natureza, da roça e das colheitas. Esse universo entrou em profunda crise cultural e política com a veloz urbanização do Brasil entre os anos de 1960 e 1990. O urbano tomou conta de

todos os cenários. Muitas vezes a festa junina seria substituída por festas americanas nas escolas ou relegada ao ostracismo. Alguns santos foram depostos dos altares laterais das igrejas com a secularização crescente. Paradoxalmente, os devotos de São João Batista permanecem fiéis e não querem perder as raízes ancestrais de suas famílias interioranas. De alguma maneira, buscam manter a alegria da festa, como gratuidade, encontro e partilha dos frutos da terra. Há algo de rebeldia diante da mercantilização capitalista, o que pode ser essencial na pastoral urbana de nossos dias.

3. São Pedro, a pesca e as chaves

O terceiro santo é Pedro, Kéfas, apóstolo de Jesus. Simão Pedro é seu nome. Filho de

**“Alguns católicos
chegam a
acreditar que
não existiria vida
feliz sem uma
festa joanina.
Sem participar da
festa nordestina
de São
João, o ano seria
um ano perdido”**



Jonas, irmão de André, ambos originários de Betsaida. É um homem casado que vive da pesca à margem do lago Tiberiades na Galileia. Larga tudo para seguir Jesus. Recebe de Jesus um novo nome: Kêpha, que quer dizer pedra, ou melhor, rocha de abrigo, tal qual uma gruta. Terá a primazia entre os doze apóstolos para servir na unidade e confirmar a fé do colégio apostólico, o primeiro entre os pares. É testemunha privilegiada dos episódios evangélicos, na paixão de seu amado Mestre e na experiência de Jesus, que lhe aparece vivo e pleno depois da ressurreição. Será o primeiro bispo de Antioquia e depois vai para Roma, tornando-se o primeiro papa. Jesus lhe perguntou três vezes se ele o amava. Pedro dirigiu a Igreja nascente. Foi martirizado em Roma durante a perseguição de Nero. Sua memória é sempre a de um pescador disposto a atirar a rede quando Cristo ordenar, apesar dos ventos contrários. Sua festa é celebrada junto com o apóstolo Paulo em 29 de junho. O povo o considera patrono das casas e das chaves. Tempo de hastear o mastro petrino, finalizar as festas juninas com as procissões e festas nas ruas e, para os que vivem em zona litorânea, navegar com barcos adornados.

A devoção popular guardou na memória festiva dos três santos juninos o essencial da mensagem de Jesus: a proximidade do Deus que é Pai. Expressiu-se na alegria do povo que, mesmo explorado e machucado pelo cotidiano, faz da festa um intervalo de luz entre as trevas. As festas dos santos exprimem a alma do povo e seus melhores momentos de partilha na música, na culinária e ao redor das mesas. São prenúncios eucarísticos do Reino de Deus em ação. Sempre sujeitos ao discernimento, como pediam os bispos no documento de Medellín, em setembro de 1968:

Impregnar as manifestações populares, como romarias, e peregrinações, devoções diversas, da palavra evangélica. Rever muitas das devoções aos santos,

para que não sejam tomados apenas como intercessores, mas também como modelos de vida, imitadores de Cristo. Tratar das devoções e dos sacramentos de maneira que não levem o homem a uma aceitação semifatalista e sim que o eduquem para se tornar administrador com Deus, de seu destino (MEDELLÍN, 1968, p. 50).

No Brasil convivem quatro tipos de catolicismo: o guerreiro, o patriarcal, o mineiro e o popular. Assim se exprime Suess:

o catolicismo popular representa uma síntese da herança indígena, africana e portuguesa. Propriedades características desta religião popular são a fé na providência – em oposição à fé no progresso propagada oficialmente –, a volta à tradição – ela dá certeza, mas pode ser instrumentalizada facilmente por movimentos tradicionalistas – e um rigorismo moral que aparece na luta contra as paixões. A ambiguidade de ações externamente comuns – participação comum nas festas, na veneração dos santos e nos sacramentos – escapa àqueles que também hoje precipitadamente falam de um catolicismo comum a todos (SUESS, 1979, p. 97).

O papa Francisco assume a alegria como chave de toda a pregação pastoral da Igreja em tempos de angústia, guerra e intolerância. Escreve em sua carta programática *A Alegria do Evangelho*:

Zacarias, vendo o dia do Senhor, convida a vitoriar o Rei que chega “humilde, montado num jumento”: “Exulta de alegria, filha de Sião! Solta gritos de júbilo, filha de Jerusalém! Eis que o teu rei vem a ti. Ele é justo e vitorioso” (Zc 9,9). Mas o convite mais tocante talvez seja o do profeta Sofonias, que nos mostra o próprio Deus como um centro irradiante de festa e de alegria,



que quer comunicar ao seu povo este júbilo salvífico. Enche-me de vida ler este texto: “O Senhor, teu Deus, está no meio de ti como poderoso salvador! Ele exulta de alegria por tua causa, pelo seu amor te renova. Ele dança e grita de alegria por tua causa” (Sf 3,17). É a alegria que se vive no meio das pequenas coisas da vida quotidiana, como resposta ao amoroso convite de Deus nosso Pai: “Meu filho, se tens com quê, trata-te bem (...). Não te prives da felicidade

presente” (Ecl 14,11.14). Quanta ternura paterna se vislumbra por detrás destas palavras! (EG 4).

Participar da festa junina do povo é celebrar as maravilhas de Deus na vida. Haveria algo mais profundamente litúrgico que isso? Cremos que não! Fazer da pastoral uma Igreja em saída tal qual aquele/a que dança feliz movido/a pela Esperança. Santos dos céus bailem conosco! ●

Bibliografia

- CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1993.
- COELHO, Geraldo Mártires. Catolicismo devocional, festa e sociabilidade: o culto da Virgem de Nazaré no Pará colonial. In: JANCSÓ, István; KANTOR, Iris (Org.). *Festa: cultura e sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo: Hucitec/Edusp/Fapesp/Imprensa Oficial, 2001. v. 2.
- MEDELLÍN (1968). Disponível em: <http://www.diocese-braga.pt/catequese/sim/biblioteca/publicacoes_online/91/medellin.pdf>. Acesso em: 3 dez. 2017.
- PAPA FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html>. Acesso em: 3 dez. 2017.
- REMA, Henrique Pinto. *Obras completas de Santo Antônio de Lisboa*. Introdução, tradução e notas. Prefácio de Jorge Borges de Macedo. Porto: Lello e Irmãos, 1987. v. 1.
- SANCHIS, Pierre. Introdução, In: _____ (Org.). *Catolicismo: modernidade e tradição*, São Paulo: Loyola, 1992.
- SUESS, Paulo Gunter. *Catolicismo popular no Brasil: tipologia e estratégia de uma religiosidade vivida*. São Paulo: Loyola, 1979.
- TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. “Muita reza e pouca missa, muito santo e pouco padre”: o catolicismo plural. *Revista IHU On-Line*, São Leopoldo, 13 jan. 2010. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/28849-%60%60muita-reza-e-pouca-missa-muito-santo-e-pouco-padre%60%60-o-catolicismo-plural-entrevista-especial-com-faustino-teixeira-e-renata-menezes>>. Acesso em: 3 dez. 2017.



Vocabulário teológico do evangelho de São João

Juan Mateos e Juan Barreto

Inicialmente concebido como resumo-índice do comentário ao IV evangelho, este vocabulário acabou se tornando um volume independente, que é de grande ajuda para familiarizar-se com a linguagem de João, para relacionar os termos próprios do IV evangelho e entender o pano de fundo judaico e o sentido simbólico desses termos.

Imagens meramente ilustrativas.

paulus.com.br

11 3789-4000 | 0800-164011

vendas@paulus.com.br



Ano Nacional do Laicato: revitalizar a missão do leigo e a pastoral popular

José Reginaldo Andrietta*

O Ano Nacional do Laicato está mobilizando a Igreja no Brasil e entusiasmando sobretudo os cristãos leigos e leigas, considerados “sujeitos” na Igreja e na sociedade. Este artigo apresenta a contribuição desse dinamismo eclesial para a revitalização da missão laical e da pastoral popular.

*Dom José Reginaldo Andrietta é bispo diocesano de Jales-SP; mestre em Teologia Pastoral pela Universidade Católica de Leuven, Bélgica; bispo referencial da CNBB para a Pastoral Operária Nacional; membro da Comissão Especial da CNBB para o Ano Nacional do Laicato.
E-mail: reginaldoandrietta@hotmail.com

Introdução

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) decidiu, em sua LIV Assembleia Geral Ordinária, de 2016, realizar o Ano Nacional do Laicato, em comemoração aos 30 anos do Sínodo Ordinário sobre os Leigos, de 1987, e da exortação apostólica *Christifideles Laici* (Os fiéis leigos), de São João Paulo II, sobre “Vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo”, de 1988.

Este Ano do Laicato, celebrado desde a solenidade de Cristo Rei de 2017, encerrar-se-á na mesma solenidade, em 2018. A Igreja no



Brasil comemora o dia nacional dos cristãos leigos e leigas nessa solenidade, em memória do compromisso que os membros da Ação Católica – organização laical de grande envergadura no século passado – assumia a cada ano, nesse dia, de agir em prol de uma sociedade justa e fraterna, sinal do Reinado de Cristo.

Dom Severino Clasen, ofm, bispo de Cachador-SC, presidente da Comissão Episcopal Pastoral para o Laicato, em sua carta ao episcopado brasileiro de 24/2/2017, solicitou que as arquidioceses, dioceses e prelazias “considerem o Ano do Laicato como prioridade para o ano de 2018”. A Comissão Especial para o Ano Nacional do Laicato, que ele também preside, em consonância com a presidência da CNBB, tem apresentado propostas e criado recursos litúrgicos, catequéticos e pastorais em função deste Ano, suscitando, acompanhando e apoiando iniciativas locais, regionais e nacionais.

“O tema do Ano Nacional do Laicato é: Cristãos leigos e leigas, sujeitos na Igreja ‘em saída’, a serviço do Reino”

1. Programa do Ano do Laicato

O tema do Ano Nacional do Laicato, “Cristãos leigos e leigas, sujeitos na Igreja ‘em saída’, a serviço do Reino”, deriva do Documento 105 da CNBB, intitulado *Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade*. O subtítulo desse documento, “Sal da terra e luz do mundo (Mt 5,13-14)”, tornou-se lema deste Ano.

O objetivo geral do Ano Nacional do Laicato demonstra seu belo propósito: “Como Igreja, povo de Deus, celebrar a presença e a organização dos cristãos leigos e leigas no Brasil; aprofundar a sua identidade, vocação, espiritualidade e missão; e testemunhar Jesus Cristo e seu Reino na sociedade”. Para implementá-lo, a Comissão Nacional para este Ano propõe as seguintes metas e orientações práticas:

a) Conclamar toda a Igreja do Brasil: regionais da CNBB, arquidioceses, dioceses e prelazias, paróquias, comunidades, pas-

torais, movimentos e as distintas expressões laicas, bem como os organismos de comunhão do povo de Deus, na realização do Ano do Laicato.

b) Desenvolver atividades que culminem na realização de um Encontro Nacional do Laicato, no encerramento do Ano, por ocasião da solenidade de Cristo Rei de 2018.

c) Despertar e motivar iniciativas e participação dos ministros ordenados, da vida consagrada e do laicato na realização desse Ano.

d) Dialogar com os diferentes sujeitos da sociedade, promovendo a cultura do encontro e o cuidado com a vida e o bem comum, na esperança de que outro mundo é possível.

e) Envolver os meios de comunicação social nas atividades do Ano do Laicato.

Entre os muitos eventos já realizados ou previstos para este Ano, merecem destaque: abertura feita pela Presidência da CNBB nos meios de comunicação social, bem como pelas dioceses e paróquias; visita da imagem ou do estandarte da Sagrada Família pelas paróquias e comunidades; menção especial no 14º Intereclesial das CEBs, em Londrina-PR, e referências também especiais, durante a Campanha da Fraternidade de 2018, sobre o papel dos cristãos leigos e leigas na superação da violência; painel sobre o Ano Nacional do Laicato durante a LVI Assembleia Geral Ordinária da CNBB, em 2018; Semana Missionária “Igreja em saída” nas Igrejas particulares durante, preferencialmente, o mês de julho de 2018, para facilitar a participação da juventude, em férias escolares naquele mês, assegurando-se a realização de um círculo bíblico em cada rua e outros ambientes; seminários temáticos nos Regionais da CNBB; tratamento do tema no congresso sobre ministérios promovido pelo Celam em parceria com



universidades católicas no Brasil; encontros de reflexão durante o mês de novembro; atividades no Dia Mundial dos Pobres (18/11/2018); encerramento com a Assembleia Nacional dos Organismos do Povo de Deus e Romaria Nacional do Laicato, por ocasião da solenidade de Cristo Rei de 2018 em Aparecida-SP.

Temas a serem abordados em seminários, encontros e publicações: “O laicato e o papa Francisco”; “Diálogo do papa Francisco com os movimentos populares”; “Celebração do terceiro ano da encíclica *Laudato Si'*, em parceria com a Rede Eclesial Pan-Amazônica”; “O laicato nos diversos areópagos: família, mundo do trabalho, política, cultura e educação, juventude, comunicação em geral”; “50 anos de Medellín e 10 anos de Aparecida”; “Os ministérios laicais”; “Teologia do laicato”.

Muitos recursos estão disponíveis: logotipo, hino e oração do Ano Nacional do Laicato; roteiros de reflexão e celebração; estandarte da Sagrada Família; *banners*, cartazes, camisetas, panfletos, folhetos litúrgicos e publicações. A Sagrada Família foi escolhida como ícone do Ano do Laicato por simbolizar a diversidade da realidade laical, por ser sinal da família como base da vida social e eclesial e por seu valor na piedade popular. Propõe-se que esse ícone, nas formas de imagem e estandarte, peregrine por todas as comunidades, lares e locais de trabalho. Há um roteiro celebrativo para acolher e enviar o ícone.

2. Legado eclesial e social

O legado do Ano Nacional do Laicato será, certamente, muito amplo e denso, nos níveis comunitário, paroquial, diocesano, regional e nacional. Embora os frutos já estejam sendo colhidos no processo, em cada instância, o que se pretende colher nacionalmente, no final deste Ano? Deverão ser, necessariamente, ações com incidência na vida eclesial e na sociedade.

No âmbito eclesial, pretende-se criar programas de formação, focados nos ministérios

Virgem Maria Mãe em plenitude

Frei Maria-Eugênio do Menino Jesus



As orações e meditações que se agrupam no presente volume nasceram do olhar contemplativo e filial de Frei Maria-Eugênio do Menino Jesus, carmelita descalço (1894-1967). As palavras do autor revelam-nos o essencial da Virgem Maria e o lugar central que ocupa, em sua função de Mãe, na vida da Igreja e na existência do cristão.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



leigos de animação e coordenação de comunidades, pastorais e movimentos; fortalecer a rede de comunidades, conforme propõe o Documento 100 da CNBB, *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia*; criar e fortalecer os Conselhos Diocesanos e Regionais de Leigos, como preconiza o Documento 105 da CNBB (n. 275, letra f).

No âmbito da sociedade, pretende-se promover mecanismos de participação popular para o fortalecimento do controle social e da gestão participativa: Conselhos de Direitos, Grupos de Acompanhamento ao Legislativo, iniciativas populares, audiências públicas, referendos e plebiscitos; e mobilizar a sociedade brasileira para a auditoria cidadã da dívida pública.

3. Cristãos leigos e leigas como “sujeitos”

O Ano Nacional do Laicato deverá, sobretudo, propiciar o estudo do Documento 105 da CNBB. Este se refere, em sua introdução, ao apelo que emerge da realidade eclesial, pastoral e social dos tempos atuais para uma abertura ao tema do laicato, acompanhada da avaliação e aprofundamento desse tema. O referido documento destaca como urgência: “abrir espaços de participação, estimular a missão, refletir sobre avanços e retrocessos, para fazer crescer a participação e o protagonismo dos leigos na corresponsabilidade e na comunhão de todo o povo de Deus” (CNBB, n. 3, p. 16).

“Chamados pelo batismo e pela crisma ao seguimento de Jesus Cristo, os leigos e leigas assumem a responsabilidade de serem sujeitos na Igreja e na sociedade: sal e luz!” Tal afirmação de dom Leonardo Ulrich Steiner, bispo auxiliar de Brasília, secretário-geral da CNBB, na apresentação desse documento, aponta como eixo central do Ano

Nacional do Laicato a necessidade de os cristãos leigos e leigas serem assumidos pela Igreja como sujeitos.

O leigo, diferentemente do sentido de “não instruído” que lhe foi atribuído pelo senso comum, é membro de um povo, como sugere sua raiz grega *Laos*, denotando, no contexto da Igreja, povo de Deus, sua condição de sujeito. “Nem que demore, leigo na Igreja, povo de Deus, hei de ser”: assim diz o refrão da canção “Pela graça de Deus”, do Pe. Zezinho, scj, ressaltando a expectativa contida no coração dos cristãos leigos e leigas de serem reconhecidos no povo de Deus como sujeitos.

“Por séculos, a Igreja privilegiou o valor dos clérigos, em detrimento dos cristãos leigos e leigas. Com o Concílio Vaticano II, estes recuperaram sua identidade e seu lugar como membros de um mesmo corpo, que é a Igreja, constituída por batizados, como uma única categoria de cristãos” (BRIGHENTI, 2006, p. 35). Os cristãos leigos e leigas participam do sacerdócio comum dos fiéis, fundado no único sacerdócio de Cristo, conferido pelo batismo (cf. VATICANO II, *Lumen Gentium*, n. 10, p. 115).

O próprio papa Francisco afirma, em sua carta ao cardeal Marc Ouellet, presidente da Pontifícia Comissão para a América Latina, que “olhar para o povo de Deus é recordar que todos fazemos o nosso ingresso na Igreja”, pelo batismo, “como leigos”. Ele explica que “ninguém foi batizado sacerdote nem bispo” e que “faz-nos bem recordar que a Igreja não é uma elite de sacerdotes, consagrados, bispos, mas que todos formamos o povo santo fiel de Deus” (PONTIFÍCIA COMISSÃO PARA A AMÉRICA LATINA, 2016, p. 12).

4. Índole secular da missão laical

Os cristãos leigos e leigas devem participar da ação pastoral da Igreja, conforme pre-

“Os cristãos leigos e leigas participam do sacerdócio comum dos fiéis, fundado no único sacerdócio de Cristo, conferido pelo batismo”



coniza o *Documento de Aparecida* (n. 211), na vida de comunidade, na catequese e na celebração da fé. No entanto, sua índole secular é própria (cf. VATICANO II, *Lumen Gentium*, n. 31), afinal se fazem presentes nas variadas realidades cotidianas da sociedade. Estão no mundo. Desde essa realidade, e nela, exercem a sua missão.

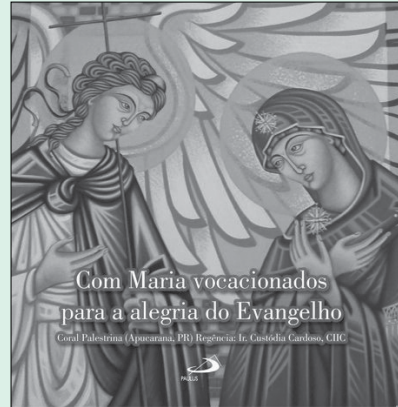
Aos leigos compete, por vocação própria, buscar o Reino de Deus, ocupando-se das coisas temporais e ordenando-as segundo Deus. Vivem, pois, no mundo, isto é, no meio de todas e cada uma das atividades e profissões, e nas circunstâncias ordinárias da vida familiar e social, com as quais como que tecem a sua existência. Aí os chama Deus a contribuir do interior, à maneira de fermento, para a santificação do mundo, através de sua própria função [...] (VATICANO II, *Lumen Gentium*, n. 31).

A sua primeira e imediata tarefa não é a instituição e o desenvolvimento da comunidade eclesial – esse é o papel específico dos pastores – mas sim [...] o vasto e complicado mundo da política, da realidade social e da economia, como também o da cultura, das ciências e das artes, da vida internacional, dos *mass media* (meios de comunicação de massa) e, ainda, outras realidades abertas à evangelização [...] (PAULO VI, *Evangelii Nuntian-di*, n. 70).

A índole secular da missão laical se mostra ainda mais importante e urgente quando se reconhece o *deficit* de sua presença e atuação na vida social, conforme assinalou a Assembleia Plenária da Pontifícia Comissão para a América Latina, realizada em março de 2016, em consonância com a afirmação do papa Bento XVI, na abertura da 5ª Con-

CD Com Maria vocacionados para a alegria do Evangelho

PAULUS Música



A PAULUS Editora oferece o 43º CD do Coral Palestrina de Apucarana, PR, na regência da maestrina Ir. Custódia Maria Cardoso. Este CD vai enriquecer e dar maior sentido às celebrações vocacionais, porque celebrar e cantar o Chamado, contemplando Maria, a vocacionada do Pai, é ter a certeza de que o caminho que seguimos nos conduzirá para a alegria do Evangelho.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



ferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe: “Sem dúvida, somos interpelados pela ‘ausência notável’ de presenças e vozes significativas e coerentes de líderes católicos nos âmbitos políticos, acadêmicos e de comunicação na América Latina” (PONTIFÍCIA COMISSÃO PARA A AMÉRICA LATINA, 2016, p. 28).

O papa Francisco tem despertado a nossa consciência – muitas vezes adormecida diante de tanta miséria e sofrimento, causados pelo sistema injusto de vida em sociedade –, enfatizando a importância do protagonismo laical, especialmente no campo sociopolítico, sufocado acentuadamente, na América Latina, pelo clericalismo. Assim diz ele, em sua carta ao cardeal Ouellet:

Não podemos refletir sobre o tema do laicato ignorando uma das maiores deformações que a América Latina deve enfrentar – e para a qual peço que dirijais uma atenção particular – o clericalismo. Esta atitude não só anula a personalidade dos cristãos, mas tende também a diminuir e a subestimar a graça batismal que o Espírito Santo pôs no coração do nosso povo. O clericalismo leva a uma funcionalização do laicato; tratando-o como “mandatário”, limita as diversas iniciativas e esforços e, ousaria dizer, as audácias necessárias para poder anunciar a Boa-Nova do Evangelho em todos os âmbitos da atividade social e, sobretudo, política (PONTIFÍCIA COMISSÃO PARA A AMÉRICA LATINA, 2016, p. 13).

5. Revitalizar a pastoral popular

Por meio dessa carta, o papa Francisco diz acreditar que a pastoral popular seja “um dos

poucos espaços em que o povo de Deus foi libertado de uma influência do clericalismo” (PONTIFÍCIA COMISSÃO PARA A AMÉRICA LATINA, 2016, p. 13). Ele reconhece aspectos ambíguos nela presentes, quando se trata da religiosidade popular. O papa enfatiza, no entanto, seu potencial evangelizador. A

esse respeito, sua referência à exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*, n. 48, é significativa:

A religiosidade popular, pode-se dizer, tem sem dúvida as suas limitações. Ela acha-se frequentemente aberta à penetração de muitas deformações da religião, como sejam, por exemplo, as superstições. Depois, ela permanece com frequência apenas a um nível de manifestações culturais, sem expressar ou determinar uma verdadeira adesão de fé. Ela pode, ainda, levar à

formação de seitas e pôr em perigo a verdadeira comunidade eclesial. Se essa religiosidade popular, porém, for bem orientada, sobretudo mediante uma pedagogia da evangelização, ela é algo rico de valores. Assim ela traduz em si uma certa sede de Deus, que somente os pobres e os simples podem experimentar; ela torna as pessoas capazes para terem rasgos de generosidade e predispõe-nas para o sacrifício até o heroísmo, quando se trata de manifestar a fé [...].

Para o papa Francisco, a pastoral popular é uma “chave hermenêutica que nos pode ajudar a compreender melhor a ação que se gera quando o povo santo fiel de Deus reza e age. Uma ação que não permanece vinculada à esfera íntima da pessoa, mas que, ao contrário, se transforma em cultura” (PONTIFÍCIA COMISSÃO PARA A AMÉRICA LATINA, 2016, p. 14). A pastoral no seu molde



popular adquire características de pastoral social, pois emerge de sofrimentos do povo que são, geralmente, causados por males sociais. Desse modo, o Ano Nacional do Laicato, além de estimular a valorização e o resgate da religiosidade popular como modo de expressão, especialmente laical, mostra-se oportuno para revitalizar a pastoral popular, como forma de participação laical na missão da Igreja na sociedade.

6. Projeção para além do Ano do Laicato

A Pontifícia Comissão para a América Latina, ao tratar, em sua Assembleia Plenária de 2016, “o indispensável compromisso dos leigos católicos na vida pública dos países latino-americanos”, reconheceu a necessidade de os leigos engajados nesse campo serem acompanhados e apoiados e de investir na formação de uma nova geração de cristãos leigos e leigas que se envolvam na vida pública das nações, conforme já havia afirmado o papa Bento XVI aos participantes da Assembleia Plenária desta mesma comissão, em 2008.

Se “os recursos humanos e cristãos” são pouco conhecidos pelos pastores, como afirmou a Assembleia Plenária desse organismo pontifício em 2016, e se o clero deve favorecer a geração de processos, em lugar de dominar espaços, “devemos reconhecer que o leigo, por sua própria realidade, por sua própria identidade, por estar imerso no coração da vida social, pública e política, por ser partícipe de formas culturais que se geram constantemente, precisa de novas formas de organização e celebração” (PONTIFÍCIA COMISSÃO PARA A AMÉRICA LATINA, 2016, p. 16).

Quais seriam essas novas formas? Providencialmente, o papa não as explicita, desafiando-nos a construí-las:

devemos estar do lado do nosso povo, acompanhando-o nas suas buscas e estimulando a imaginação capaz de respon-

CD Maria, Mãe da vida Cantos marianos – Coletânea

PAULUS Música



Esta coletânea de cantos marianos quer ajudar as comunidades a celebrar, fazer memória e agradecer ao Deus da vida a maravilhosa presença de Maria junto ao povo, especialmente na imagem da Mãe Aparecida, ocasião em que, durante o Ano Nacional Mariano (2016-2017), proclamado pela CNBB, se celebram os trezentos anos de sua aparição. Com este repertório, cantores e músicos podem animar suas assembleias junto com a Mãe do Senhor rendendo graças ao Pai, pelo Filho Jesus Cristo, na unidade do Espírito Santo.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



der à problemática atual. Discernindo com o nosso povo e nunca para o nosso povo, nem sem o nosso povo. Como diria Santo Inácio, “segundo as necessidades de lugares, tempos e pessoas”. Isto é, não uniformizando (PONTIFÍCIA COMISSÃO PARA A AMÉRICA LATINA, 2016, p. 16).

Para responder a esse desafio, muitas Igrejas particulares têm realizado, ao longo deste Ano Nacional do Laicato, um diagnóstico amplamente participativo a respeito da realidade do laicato católico: condições de vida, participação ou não na vida comunitária e pública, ações, omissões, dificuldades, questionamentos, valores, potencialidades, expectativas e propostas. Com base em um questionário simples, cristãos leigos e leigas, ativos ou não nas comunidades, também católicos não praticantes, são contatados para tomar parte nesse levantamento.

Pretende-se que as respostas, compiladas e analisadas por lideranças eclesiais, sirvam de plataforma para programar ações e formações de curto, médio e longo alcances. Esse diagnóstico participativo constitui, assim, um instrumento pedagógico que promove a implicação dos próprios cristãos leigos e leigas na análise de suas questões e na visualização de ações que lhes são condizentes, prometendo ser mobilizador para além do Ano Nacional do Laicato.

Conclusão

O Ano Nacional do Laicato está estimulando os cristãos leigos e leigas a se assumirem mais como “sujeitos na Igreja e na sociedade”, credibilizados pelo Documento 105 da CNBB e por outros documentos do magistério eclesial, de modo especial do papa Francisco. O papa tem insistido sobre a índole secular da missão laical, o potencial evangelizador da pastoral popular e a importância da religiosidade popular bem orientada.

O dinamismo eclesial propiciado por este Ano, do ponto de vista celebrativo, formativo e sociopastoral, demonstra que a Igreja deve continuar potencializando a corresponsabilidade laical em sua missão, favorecendo a participação dos cristãos leigos e leigas em todas as suas instâncias, mantendo, no entanto, o foco na eficiência da presença e atuação laical na vida pública.

Em decorrência, a formação, sobretudo de novas gerações de cristãos leigos e leigas, além de ser priorizada, deve ser praxiológica e progressivamente coletiva, conjugando teoria e prática, em processos coletivos crescentes. O diagnóstico participativo sobre o laicato é exemplo significativo de instrumento pedagógico a ser utilizado para que a atuação dos cristãos leigos e leigas continue sendo viável após “fecharem-se as cortinas” do Ano Nacional do Laicato. ●

Bibliografia

- BRIGHENTI, Agenor. *A pastoral dá o que pensar: a inteligência da prática transformadora da fé*. São Paulo: Paulinas; Valência, Espanha: Siquem, 2006.
- CNBB. *Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade*. Brasília: CNBB, 2016. (Documentos da CNBB, 105).
- PAPA FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. Brasília: CNBB, 2013. (Documentos pontifícios, 17).
- PONTIFÍCIA COMISSÃO PARA A AMÉRICA LATINA. *O indispensável compromisso dos leigos na vida pública dos países latino-americanos*. Brasília: CNBB, 2016. (Documentos da Igreja, 31).
- VATICANO II. *Constituição Dogmática Lumen Gentium*. _____. *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2001.

Roteiros homiléticos

Também na internet:
vidapastoral.com.br

*Graduada em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará e em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Faje – BH), onde também cursou mestrado e doutorado em Teologia Bíblica e lecionou por alguns anos. Atualmente, leciona na Faculdade Católica de Fortaleza. É autora do livro *Eis que faço novas todas as coisas – teologia apocalíptica* (Paulinas).
E-mail: aylanj@gmail.com



Aíla Luzia Pinheiro Andrade, nj*

6º Domingo da Páscoa
6 de maio

“Fui eu que vos escolhi”

I. Introdução geral

O povo de Israel tinha consciência de ser povo escolhido por Deus. Mas também foi afirmado várias vezes pelos profetas e pelos salmistas que as nações eram convidadas a entrar na mesma dinâmica de Israel, ou seja, adorar o Deus único, vivo e verdadeiro. Reza o salmista: “Aclamai o Senhor, ó terra inteira, cantai-lhe hinos de louvor”. Sendo assim, qual é a identidade de Israel, já que todos os povos são chamados a se congregar como povo de Deus? Basicamente, a vocação e o papel de Israel em meio às demais nações é ser instrumento de Deus para que todos possam conhecer o Deus da aliança e com ele fazer comunhão. Essa é a mesma vocação da comunidade dos discípulos de Jesus ao longo da história, até que ele volte.



II. Comentário dos textos bíblicos

1. Evangelho (Jo 15,9-17): Escolhidos para amar

O evangelho de hoje nos fala sobre a Igreja como lugar da amizade. Jesus nos é apresentado como alguém que confia aos seus amigos tudo o que ouviu do Pai (v. 15). Conforme a palavra de Jesus, a Igreja não se fundamenta em relações de poder entre senhor e escravo, nas quais alguns se impõem sobre os outros, no saber e no poder. Jesus superou essa mentalidade do mundo onde uns mandam e outros obedecem; ele convocou uma família, não fundou uma empresa. Somos vocacionados para amar, para viver em comunhão, partilhando uns com os outros aquilo que somos e o que temos.

Jesus confia a nós tudo o que ouviu do Pai, dando-nos o exemplo para que confie-mos uns nos outros e sejamos transparentes uns com os outros, a fim de formar verdadeira “comum-unidade”. Se levarmos em conta esse exemplo de Jesus, a Igreja será círculo de fraternidade, local de acolhida do diferente, espaço onde todos se sentirão à vontade para ser o que são, família da qual ninguém será excluído.

Contudo, esse exemplo de Jesus encontra inúmeras resistências em nossa época. Ainda resta um caminho longo e difícil para a inclusão e a aceitação do diferente. Faz-se cada vez mais urgente voltarmos ao evangelho e darmos atenção às palavras de Jesus.

Há grupos dentro da Igreja que querem impor um modo de ser Igreja bem diferente daquele que foi pensado e desejado por Jesus. São grupos autoritários que se definem como únicos conhecedores da essência do cristianismo e defensores da doutrina. No entanto, suas práticas de exclusão se chocam com o agir de Jesus, que se fez amigo de todos, não teve pretensões autoritárias nem tencionou ser o único

conhecedor das palavras que ouviu do Pai, pois as partilhou com todos.

E o que Jesus teria ouvido do Pai? Ou melhor, qual seria a vontade do Pai que Jesus cumpriu e nos mandou observar? Na verdade, Jesus a sintetizou em poucas palavras: viver o mandamento que ele deixou, a saber: estar aberto e livre para amar concretamente. Se estivermos dispostos a isso, estaremos em sintonia com ele e, portanto, em sintonia com o Pai.

2. I leitura (At 10,25-26.34-35.44-48): Deus ama a todos, não faz acepção de pessoas

A primeira leitura traz o relato de um dos aspectos constitutivos da Igreja: a universalidade da mensagem de Jesus. Cornélio nos é apresentado pelo texto dos Atos dos Apóstolos como o primeiro não judeu a ingressar na comunidade dos seguidores de Jesus. Primeiramente, isso significou um despertar para a concepção de que a missão de Israel e a da Igreja jamais seriam excludentes, fato expresso na palavra de Pedro: “Deus não faz acepção de pessoas” (v. 34). A atualidade dessa palavra de Pedro é inquestionável. Que ela possa ressoar nos corações e mentes daqueles que pretendem excluir como impuros os que foram purificados por Deus por meio do mistério pascal de Jesus Cristo.

O gesto realizado por Pedro deve se converter em imagem da Igreja aberta a todas as pessoas, como autêntico testemunho do amor de Deus a todos.

3. II leitura (1Jo 4,7-10): Deus nos amou primeiro

O fundamento de toda a argumentação desse texto bíblico é a afirmação de Jesus no Evangelho de João: “Ninguém jamais viu a Deus; o Filho único, que está no seio do Pai, é quem o deu a conhecer” (Jo 1,18). Por isso o Antigo Testamento proíbe fazer imagens de Deus (Dt 5,8; Ex 20,4), porque sua imagem é



o homem e a mulher (Gn 1,26-27). O Deus invisível se revela no amor humano. Como, na mentalidade hebraica, a imagem significa a presença e a representatividade, o ser humano, em suas diferenciações de gênero, constitui o lugar da presença de Deus no mundo. A presença divina está onde existe o amor humano. Mais ainda, o ser de Deus é o amor, como origem e sentido de tudo que existe.

Não vemos a Deus, mas escutamos sua palavra e podemos fazer sua vontade. Por isso o texto nos exorta a amar uns aos outros para podermos reconhecer nossa origem, nossa experiência mais original. E como podemos viver esse amor se somos tão frágeis e egoístas? A força que nos liberta do egoísmo não é iniciativa nossa, mas de Deus. Ele nos criou capazes de amar. Não fomos nós que o amamos primeiro, mas foi ele quem nos amou antes de toda a criação e nos convida a entrar nessa sintonia de amor, nessa comunidade, que nos põe em colaboração com ele na sua obra de redenção.

Em que consiste o amor? (v. 10). O amor é a graça que sempre nos precede, que não podemos conquistar nem criar, pois nos é oferecida como dom. Somente quem fez a experiência da prioridade do amor pode falar sobre Deus.

III. Pistas para reflexão

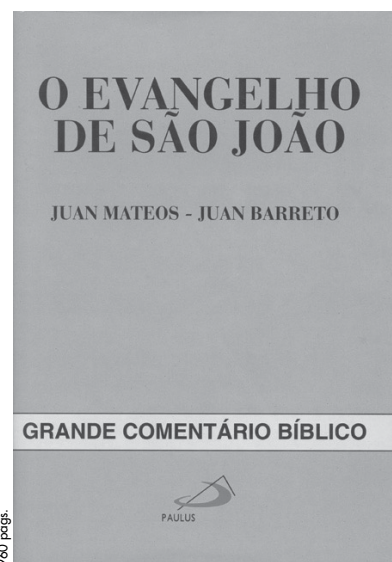
O amor não apenas nos precede, mas nos resgata. O texto de 1Jo 4,10 usa um termo fundamental da tradição sacrificial do Antigo Testamento, “propiciação” (oferenda de expiação, cf. Lv 16) pelos nossos pecados. Já não precisamos sacrificar um animal; o amor do Filho, na gratuidade e entrega de si mesmo, redime-nos do pecado. Isso é o que pode mudar nossa vida, pois do amor surgimos, do amor renascemos, libertando-nos do pecado e da morte.

Algumas pessoas querem substituir os sacrifícios de animais por promessas extravagantes que fazem aos santos. No entanto, o

O Evangelho de São João

Grande Comentário Bíblico

Juan Mateos / Juan Barreto



960 págs.

Os autores fazem um comentário completamente original do quarto Evangelho. O ponto de partida é a consideração do texto como obra unitária, onde cada parte só pode ser compreendida na sua relação com o todo. O método usado é o da análise linguística e literária, para chegar ao significado da obra no seu conjunto. Os autores leem o texto a partir do próprio texto, levando em consideração a linguagem e o ambiente cultural judaico da época em que foi redigido este Evangelho.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



que agrada a Deus é o amor; numa palavra, o amor é o único mandamento que Jesus nos deixou. O amor resume todo o cristianismo, e o amor não exclui ninguém.

Os ritos, os sacramentos, a missa, os sacramentais etc., tudo isso existe para nos conscientizar de que devemos estar dispostos e livres para amar as pessoas em todas as circunstâncias do cotidiano. Vamos à Igreja para sintonizar com o Deus de amor e mais profundamente viver essa sintonia em cada momento da vida.

Ascensão do Senhor
13 de maio

“Anunciai a boa-nova a toda criatura”

I. Introdução geral

Hoje a Igreja celebra a solenidade da Ascensão do Senhor. Estritamente falando, não é uma nova festa, mas a plenificação da Páscoa. Estar sentado à direita do Pai não é tanto um triunfo ou um prêmio que Jesus recebe por bom comportamento e por ter realizado a tarefa que lhe foi proposta. O triunfo de Cristo é o ponto aonde deve chegar cada ser humano na plenitude de suas potencialidades. Celebramos a elevação do ser humano antecipada na ascensão de Cristo.

Ressuscitou, subiu ao céu, está sentado à direita do Pai são termos e expressões cujos significados denotam que a missão terrena de Jesus consumou-se. Tudo o que ele veio realizar foi feito. Agora a comunidade de seus seguidores deve continuar a missão de edificar o Reino de Deus neste mundo. Por isso, as leituras de hoje nos oferecem uma síntese da missão dos cristãos, fundada em três afirmações inseparáveis: 1) ressurreição:

Jesus venceu o pecado e a morte; 2) ascensão: Jesus está junto do Pai, exercendo autoridade sobre a criação e a história; 3) esperança: Jesus voltará (parusia) inesperadamente para plenificar todas as coisas.

A missão dos cristãos situa-se entre a ascensão e a parusia, anunciando e edificando o Reino de Deus até que Cristo venha.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. Evangelho (Mc 16,15-20): Ide pelo mundo inteiro

O evangelho de hoje enfatiza o mandato missionário recebido por todo cristão. Primeiramente, oferece um resumo das experiências que os discípulos tiveram com o Ressuscitado, seguido do mandato missionário no qual são elencados os elementos ou sinais principais da missão dos cristãos: expulsar demônios, falar todas as línguas, ser imunes a qualquer veneno e curar os enfermos. Percebemos aqui que a missão dos cristãos possui os mesmos elementos ou sinais da missão de Jesus. Aparelentemente, é uma missão impossível. É necessário compreender cada um desses elementos. Antes de tudo, trata-se de sinais e não de demonstrações (muito menos midiáticas), os quais têm por objetivo indicar que os missionários entraram em um campo novo de ação e para isso receberam uma autoridade originada no Pai, ao lado do qual está Jesus. Significa que é uma ação dos cristãos, mas não unicamente deles: é uma ação de Deus regenerando este mundo por intermédio da obra evangelizadora dos cristãos.

Expulsar os demônios em nome de Jesus significa, primeiramente, continuar a sua luta contra o mal, como foi enfatizado ao longo do Evangelho de Marcos. Não é tanto fazer exorcismos, mas instaurar um reino de justiça, fraternidade e paz em oposição ao mal, ao pecado e ao egoísmo. É continuar a luta de Jesus em cada circunstância da vida, enfatizando o poder do bem contra o mal, e



não o contrário. Uma forma de exorcismo que cada um pode fazer é evitar desanimar por causa do aumento da violência e prestar maior atenção nas ações das pessoas de bem que fazem grandes mudanças na sociedade.

Falar novas línguas, no contexto narrativo dessa leitura, não significa a oração em línguas, pois se trata não de falar com Deus – não é um texto sobre oração –, mas do mandato missionário de falar às pessoas do mundo inteiro. Significa que os cristãos farão um esforço para não impor uma cultura ou modo de pensar, mas anunciarão o evangelho, a boa notícia de Jesus, levando em conta os destinatários, seu contexto histórico-social e cultural.

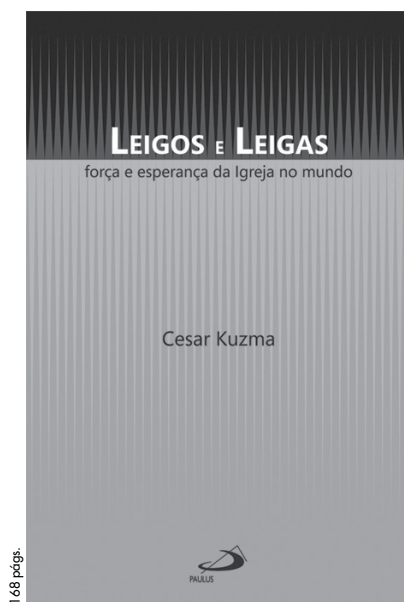
Serpentes e venenos que não causam nenhum mal não significam que o cristão é blindado para que nada de ruim lhe aconteça, como quer nos iludir a ideologia da prosperidade. Ao contrário, os cristãos estão sempre à mercê de muitos sofrimentos e perseguições, como aconteceu com Jesus e como vemos na vida dos santos. Bem entendidas, essas palavras de Jesus, em linguagem apocalíptica de luta contra o mal, significam que os verdadeiros cristãos estão imunes às serpentes e venenos do egoísmo que matam pela exclusão social, pelo preconceito e falta de aceitação do outro, pela calúnia, corrupção e desonestidade. É desse veneno maligno que os verdadeiros cristãos estão imunes e por ele jamais serão destruídos.

Imporão as mãos sobre os enfermos e eles ficarão curados. Essa expressão nos situa de novo no centro da atividade de Jesus: por onde ele andava, curava os enfermos. Os cristãos são, antes de tudo, crentes, isto é, pessoas unidas de tal forma a Jesus, que compartilham do seu poder de curar. Longe de pensar que isso se refere aos santos ou a uns poucos privilegiados, a cura das enfermidades é um sinal que acompanha todo aquele que crê. Não se trata tanto de um dom carismático, mas da cura dos corações marcados

Leigos e leigas

Força e esperança da Igreja no mundo

Cesar Kuzma



168 págs.

Quem são os leigos e as leigas de hoje? Seria lícito caracterizá-los apenas de maneira geral, e por vezes pejorativa, como leigos? Por certo que não. Estes leigos, homens e mulheres, constituem parcela importante da Igreja e possuem rostos próprios. Logo, suas interrogações devem ser ouvidas e aproveitadas, porque eles trazem para dentro da Igreja o olhar íntegro da sociedade. Ouvi-los é ouvir a sociedade; inseri-los e formá-los na comunidade eclesial é preocupar-se com o futuro dela e também com o da sociedade civil.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



pelo egoísmo e pelas feridas do desamor. Todos nós podemos escolher entre ferir ou curar. E podemos pôr em prática essa palavra de Jesus por meio de nossas palavras e ações no compromisso com o outro.

Resumindo: num mundo perigoso (venenos e enfermidades), os cristãos deverão ser capazes de expandir a Palavra em toda língua, superando o poder do mal e ajudando os outros a viver (curas). Desse modo, o anúncio do evangelho se converterá em ação transformadora, sinal de que o mal cede lugar ao Reino que estará se expandindo na terra.

2. I leitura (At 1,1-11): Sereis minhas testemunhas até os confins do mundo

Por que ficais parados olhando para o céu? O que o Cristo tinha de fazer aqui entre nós ele já fez. A partir de agora, cabe a nós desenvolver a nossa vida particular e coletiva, assimilando e vivendo os ensinamentos que Jesus nos transmitiu. A fé cristã implica responsabilidade. Cristo nos legou a boa-nova do Reino, agora cabe a cada um de nós, pessoalmente e em comunidade, responder a ele com nosso modo de viver. Não estamos abandonados, há uma promessa: o poder do Espírito que nos capacita a testemunhar até os confins do mundo.

A chamada de atenção feita pelos “homens vestidos de branco” significa que o verdadeiro seguimento de Jesus não envolve ficar parado olhando para o céu, esperando que Cristo faça a evangelização do mundo. A parte dele já foi feita, agora compete a nós levar ao mundo inteiro, a toda criatura, a sua mensagem. Tornar o Reino de Deus algo real no nosso mundo.

O envio messiânico universal é a ata de fundação da Igreja. Jesus envia seus discípulos a todo o mundo conforme um programa, um esquema de universalidade que aparece em vários textos do terceiro evangelho e dos Atos dos Apóstolos: partindo de Jerusalém, passando pela Judeia e Samaria e chegando a

todo o mundo, a todo o cosmo, no idioma grego. Significa que a evangelização é um processo, um desenvolvimento que somente chegará ao seu término quando todos tiverem recebido a mensagem de Jesus.

A missão cristã se estende desde o princípio a todo o mundo, a todos os povos e culturas. Trata-se de um contexto universal; desaparecem as distinções entre os povos, já não há um povo único de Deus, mas todos os povos pertencem a Deus e com ele estabelecem aliança. A missão é para a humanidade, para o cosmo aberto à palavra dos missionários.

3. II leitura (Ef 1,17-23): Somos continuadores da missão do Cristo

A segunda leitura afirma que a Igreja é o Corpo de Cristo. O que isso significa? Jesus foi elevado ao âmbito do Pai e recebeu autoridade sobre todas as coisas. Os discípulos saíram pelo mundo proclamando o evangelho com a cooperação do Senhor, que confirmava a palavra com sinais. A ascensão e a ausência física de Cristo tornam possível novo tipo de presença na comunidade de seus discípulos: somente quando Cristo “se vai” é que a Igreja começa a sentir a força dele atuando por meio dela. A comunidade dos discípulos, quer dizer, a Igreja, é a presentificação do Cristo ressuscitado. Cristo se corporifica no mundo mediante seus discípulos, ou seja, o modo pelo qual se pode ver Cristo evangelizando o mundo são os evangelizados. A Igreja o torna visível para o mundo.

Da mesma forma que não há corpo vivo sem cabeça, assim também não há Igreja sem a ação de Cristo ressuscitado agindo no mundo por meio dela. Portanto, podemos dizer que Jesus está no céu à direita do Pai, mas, ao mesmo tempo, está presente, coatuando por meio dos fiéis.

III. Pistas para reflexão

Na “oração para depois da comunhão”, o presidente da celebração diz: “Deus eterno



e todo-poderoso, que nos concedeis conviver na terra com as realidades do céu, fazei que nossos corações se voltem para o alto, onde está junto de vós a nossa humanidade”. Essa oração expressa muito bem o sentido profundo da Ascensão do Senhor. Nós somos introduzidos no seio da Trindade. Jesus, o homem verdadeiro, está junto do Pai. Com ele nossa humanidade já está lá. A Ascensão do Senhor é a celebração da plenificação de nossa humanidade junto de Deus. Já convivemos aqui na terra com esse grande mistério.

Que a comunidade não desvirtue a celebração desse grande mistério com uma devoção mariana. Atribuir o mês de maio a Maria não deve implicar a sobreposição de uma devoção à grandeza do mistério que celebramos hoje. Portanto, os cânticos não devem ser marianos, muito menos a homilia. O foco dessa celebração é Cristo, que leva nossa humanidade para o seio da Trindade. Mesmo em uma paróquia consagrada a Maria e mesmo que se esteja em pleno festejo, a ênfase deve ser dada à ascensão de Cristo e à nossa ascensão com ele para junto do Pai.

Pentecostes

20 de maio

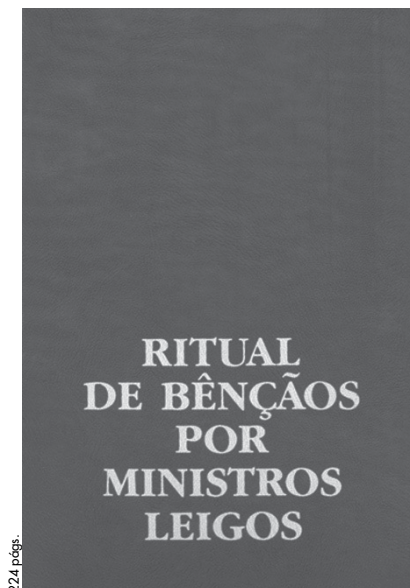
“Envia teu espírito, Senhor, e renova a face da terra”

I. Introdução geral

O Espírito Santo é fonte e força do amor mútuo. É também sinal de que estamos vivendo um novo tempo. Jesus concluiu o caminho dele aqui na terra e foi glorificado por Deus Pai, mas não nos deixou sozinhos: deu-nos o mesmo Espírito que o ungiu e o animou na missão.

Ritual de bênçãos por ministros leigos

Sagrada Congregação para o Culto Divino



Trata-se de uma adaptação do *Ritual de bênçãos para leigos*, com a inserção de bênçãos que não requerem o ministério ordenado. No geral, o presente ritual segue o mesmo esquema do ritual de bênçãos por ministros ordinários.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



A missão do Espírito que nos foi dado nos leva à verdade completa, faz-nos entrar em comunhão com os seres humanos e com Deus. O Espírito é presença de Deus nos caminhos da história por meio da Igreja, que é movida por ele. Ao unir os seres humanos no amor, o Espírito nos dá a certeza do que será no final dos tempos, a comunhão plena no Reino de Deus. Por causa desse amor que nos põe em comunhão, há partilha dos bens, há oração sincera, há evangelização. Em função da comunhão, o Espírito nos faz falar e compreender todas as línguas, porque a língua universal é o amor e sem ele somos apenas “sinos que retinem” (1Cor 13,1). Por isso, crer no Espírito significa crer no futuro da vida, na renovação radical de toda a terra, no caminho do amor que supera as dificuldades deste mundo e nos dirige ao amor em plenitude.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. Evangelho (Jo 20,19-23): Recebei o Espírito Santo

O texto do evangelho de hoje enfatiza desde o início o aspecto da comunhão: era o primeiro dia da semana, o dia do Senhor, e os discípulos estavam reunidos. As portas fechadas simbolizam o medo da hostilidade existente lá fora. São os inícios de uma Igreja que vive a fragilidade e as dúvidas, que necessita da presença do Senhor. Mas Cristo ressuscitado está com eles, sua presença se faz visível e ele coloca-se no centro, no meio deles.

“A paz esteja convosco!” é o início do diálogo por iniciativa do Ressuscitado. Os discípulos têm medo, e isso os deixa desconfiados. Mas Jesus os conforta com sua palavra e presença sensível, é o verdadeiro mestre que eles haviam seguido, possui as chagas que são os sinais gloriosos de sua vida terrena. Quem faz a experiência com o Ressuscitado sabe que ele não é uma fantasia.

Os discípulos estão reunidos como Igreja, e o Cristo lhes oferece o perdão e lhes en-

via em missão. Antes de tudo, a Igreja é a comunidade que recebe o perdão de Cristo e o distribui ao mundo. Evangelho e perdão não estão separados, pois a “boa notícia” que a Igreja dá ao mundo é que, em Jesus Cristo, o ser humano está perdoado por Deus, pois o Filho de Deus triunfou sobre a causa do pecado, a saber, o egoísmo.

A um mundo atormentado por injustiças, guerras e violências, Cristo oferece a paz fundadora e criadora que combate a raiz do pecado. A uma comunidade fechada por causa do medo, o Cristo estende a graça da vida dele, tornada princípio da missão universal. Jesus é a paz para aqueles que o recebem e para todos.

A Páscoa torna-se Pentecostes, pois o Ressuscitado sopra sobre seus discípulos, dizendo: “Recebei o Espírito Santo” (v. 22). Um gesto que alude a uma nova criação, uma vez que, no princípio, Deus havia soprado sobre o ser humano, tornando-o ser vivente (cf. Gn 2,7). Agora o gesto de Jesus nos indica que o Cristo pascal leva ao ápice a criação que fora começada.

O Evangelho de João une Páscoa e Pentecostes em um mesmo mistério: a manifestação pascal de Cristo se torna efusão do Espírito do Ressuscitado sobre a totalidade da Igreja. A Páscoa significa que a morte de Jesus pela humanidade abre um caminho de amor e de transformação do mundo. E Pentecostes é o dom da Páscoa, é ter o mesmo Espírito de Jesus, é viver à luz do mesmo sopro vital que o animava.

2. I leitura (At 2,1-11): Todos ficaram cheios do Espírito Santo

Os discípulos, em grande número, estavam reunidos, perseveravam em oração enquanto aguardavam a vinda de Cristo, a qual associavam com o fim dos tempos. Ali onde esperavam o julgamento divino sobre o mundo, tiveram a grata surpresa de participar de uma ação que era exatamente o contrário do



que pensavam. De fato, os profetas haviam previsto um derramamento do Espírito no final dos tempos, e unido a isso aconteceria o julgamento das nações e grandes catástrofes da natureza (como está escrito em Joel 2,28-32, citado em At 2,17-21).

Reunidos em oração, estavam dispostos a enfrentar o julgamento de Deus sobre as nações e morrer num grande acontecimento cósmico que revelaria a glória de Cristo. Mas o que aconteceu com a efusão do Espírito foi a comunhão entre todos os povos e culturas, a comunicação eficaz entre as línguas diferentes. Num primeiro momento, podemos pensar que a experiência de comunhão dá-se em plano limitado, no interior da comunidade; no entanto a comunhão realizada em Pentecostes transborda as limitações religiosas e nacionais e se expande ao longo de toda a terra.

Muitas leituras atuais desse texto bíblico enfatizam a experiência com o dom de línguas. Até mesmo se denominam de pentecostais grupos e igrejas que fazem algum tipo de experiência atribuída ao Espírito Santo. Mas se lermos atentamente esse texto, veremos que se trata de um dom para a evangelização, para a missão, para a expansão da comunidade, e não para o crescimento pessoal com conotações de verticalidade na experiência espiritual. Nesse texto não se afirma que os membros da comunidade oraram em línguas (como é mencionado por Paulo com relação a uma prática da comunidade de Corinto). O texto diz que as pessoas falavam idiomas diferentes e todos se compreendiam; o oposto da narrativa sobre a torre de Babel. O enfoque no dom de línguas vem do termo “línguas estranhas”, que significa o mesmo que “línguas estrangeiras”. Além da possibilidade de evangelização do mundo inteiro, porque o Espírito Santo capacita a Igreja para proclamar o evangelho em todas as culturas e idiomas, vemos nesse texto a comunhão entre todos os seres humanos, a unidade na diversidade.

Ovelha ou protagonista?

A Igreja e a nova autonomia do laicato no século 21

Renold Blank



“A Igreja é capaz de mudar. E ela é capaz também de ouvir propostas que questionam. Ela não só é capaz de ouvi-las, mas também de concretizá-las. Esta Igreja, que amo e pela qual estou entusiasmado, é capaz também, hoje, de ser a grande proposta alternativa para o futuro deste mundo, como tantas vezes ela o foi no passado” – Renold Blank.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



O Espírito supera as velhas divisões entre os seres humanos. Ultrapassa as estruturas arcaicas da sociedade fundada em princípios de imposição dos mais favorecidos sobre os mais frágeis. A partir de Pentecostes, os seres humanos podem vincular-se por meio da graça de Deus, com base no dom do Espírito. A comunhão de todos os povos, que a partir de agora se realiza, é sinal e presença dos tempos escatológicos, meta da história humana que caminha para Cristo. A história humana, repleta de competições e de opressão de uns sobre os outros, realiza uma trajetória, marcada pelo Espírito do Cristo ressuscitado, para a comunhão plena de toda a humanidade num reino de fraternidade e de paz.

3. II leitura (1Cor 12,3b-7.12-13): Batizados num só Espírito e formando um só corpo

O Espírito de Cristo une os seres humanos, a partir de Deus, em perdão e comunhão, por aquilo que são e não pelo que têm ou fazem. Até então não tinha havido nenhuma comunhão real, mas concorrência e competição, busca de influência, enfim, divisão generalizada. Agora, e somente agora, a partir da unidade de Cristo que nos torna irmãos, filhos e filhas do mesmo Pai, começa a história da graça que une a todos no amor e na liberdade. Há distribuição de carismas, mas é o mesmo Espírito; diversidade de ministérios, mas é o mesmo Senhor; divisão de tarefas, mas é Deus que opera tudo em todos. O Espírito é um só e une todos os seres humanos numa comunidade que não se baseia na pura experiência interior, em ideias ou princípios gerais, mas na comunhão e na confiança mútua.

O Espírito congrega pessoas muito diferentes umas das outras que, em vez de fazer concorrência entre si, se servem mutuamente e são felizes em realizar isso no amor. Trata-se de uma comunhão realizada pelo próprio Deus, e não por meio de um cooperativismo,

a maneira de um sindicato ou clube que une pessoas pelas tradições, costumes sociais ou culturais. Como o corpo é um só e tem muitos membros, assim é Cristo. Porque todos nós fomos batizados num só Espírito, formando um só corpo.

A comunhão realizada pelo Espírito Santo não se apoia em tradições sagradas nem em laços que vinculam as pessoas por aspectos culturais, econômicos ou políticos. Os cristãos não formam uma nação, um estado. A comunidade cristã tampouco é uma associação cultural, um clube espiritual, uma ONG com fins delimitados. A comunidade cristã quer suscitar uma comunhão não governamental ou política, mas de vida entre todos os seres humanos, fundada no Cristo.

Os cristãos querem formar uma comunidade de amor universal, em gratuidade, a partir dos mais pobres e excluídos, abrindo-se a todos os povos da terra, sem empregar meios de poder político-militar ou qualquer tipo de imposição.

III. Pistas para reflexão

Há um tipo de vida que é morte, feita de lutas e concorrências, de inveja e egoísmo. Mas há um tipo mais elevado de vida feito de doação, gratuidade, acolhida, comunhão... Essa é a vida que se desvela na trajetória da Igreja, a vida do Espírito. A Igreja, comunidade fundada na comunhão realizada pelo Espírito, não propaga a exclusão, ao contrário, distribui o perdão que vem de Deus. Não nega o perdão a ninguém.

A Igreja somente pode ser considerada comunidade de Jesus se é sinal e fonte de perdão e, portanto, de inclusão. A própria Igreja expressa o perdão, encarna-o e o anuncia ao mundo. Portanto, onde o perdão é oferecido há perdão, e onde a Igreja mostra que não há perdão isso ocorre porque as pessoas ainda se afrontam e se confrontam. Somente onde a luta por justiça ainda não chegou ao seu término e quando a justiça ainda não te-



nha sido instaurada é que a Igreja retém o perdão, para que se possa realmente continuar lutando até edificar um mundo justo de paz e fraternidade universais.

Santíssima Trindade
27 de maio

Na vida de Jesus nos foi revelado que Deus é Pai, Filho e Espírito Santo

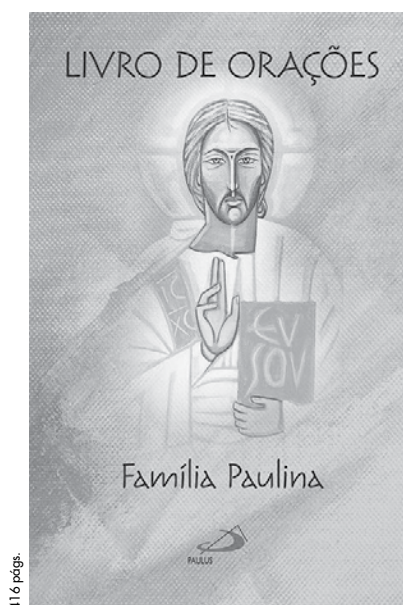
I. Introdução geral

Foi Pentecostes que levou os discípulos a reler a vida de Jesus e perceber naquele homem de Nazaré um excesso de significado, pois notaram que havia algo mais naquela existência humana, uma origem divina. A fé no Deus trinitário surgiu da releitura da vida de Jesus na sua relação com o Pai e com os seres humanos. A Encarnação, a União para o ministério público e a Ressurreição constituem os momentos principais da atividade do Espírito Santo na vida de Jesus. Isso significa que o vínculo que Jesus demonstra ter com o Pai e com os seres humanos é realizado pela ação do Espírito Santo. Jesus veio para fazer a vontade do Pai e a discernia em oração sob a ação do Espírito, que o conduziu em todos os momentos. O evangelho, a boa-nova para a humanidade acerca de um reino de fraternidade e paz, é proclamado e instaurado por Jesus no poder do Espírito Santo.

O Deus dos cristãos se revela como dom, entrega pessoal e comunhão plena, na qual fomos convidados a entrar desde agora com base no amor efetivo a Deus e ao próximo,

Livro de orações Família paulina

Vv.Aa.



O *Livro de orações* contempla orações à maneira como a família paulina rezava no tempo do seu fundador, o bem-aventurado Tiago Alberione, e reza até hoje. O presente texto é uma tradução do livro *Le Preghiere della Famiglia Paolina*, de 1971, considerado o último livro de oração da época fundacional, com umas poucas alterações em vista de um uso mais prático.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



para que, no fim dos tempos, cheguemos à plenitude deste dar e receber amor. Na vida de Jesus, foi-nos revelado que Deus é Pai, pois tem um Filho com o qual forma uma comunhão única. Tal revelação nos foi dada pelo influxo do Espírito Santo sobre nossa consciência. O conhecimento dessa comunhão é a fonte de toda a vida cristã, tanto no que se refere à oração quanto à vida comunitária e à atividade missionária.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. Evangelho (Mt 28,16-20): Batizai em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo

O Deus que se revela no Novo Testamento não é diferente daquele que caminhou com o povo de Israel. Trata-se do mesmo Deus justo e misericordioso desde toda a eternidade. Contudo, a revelação desse Deus que é comunidade de amor pertence apenas ao Novo Testamento, pois, com a vinda de Cristo, Deus se revelou ao ser humano no mistério de sua vida íntima e entrou doravante em relação com a humanidade não apenas como Deus único, Senhor e criador, mas também como comunidade de amor. Deus é Pai que nos ama como filhos e filhas em seu Filho único e na comunhão do Espírito Santo.

Além disso, o privilégio da filiação não está reservado a um só povo, mas estendeu-se a todo aquele que aceitar a mensagem de Jesus. Com efeito, antes da ascensão, Cristo havia dado aos discípulos o mandamento de evangelizar todas as nações e batizá-las “em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (v. 19).

Cada ser humano entra em relação com essa Comunidade Divina de amor mediante o batismo, mergulho na vida, morte e ressurreição de Cristo. Por esse mergulho renasce a vida nova e cada um torna-se incorporado a Cristo. Sendo membro de Cristo, torna-se filho no Filho, participante da família divina. É templo do Espírito Santo, que infunde no

cristão o espírito de adoção. Perante Deus, o cristão é um filho introduzido na intimidade da vida trinitária, a fim de que viva na história o reflexo daquela comunhão existente entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

Eis a missão dos discípulos de Jesus: efetivar neste mundo o Reino de fraternidade universal, fazendo acontecer a grande família humana, a exemplo da família divina, da qual somos imagem e semelhança.

2. I leitura (Dt 4,32-34.39-40): O primogênito dentre as nações

A fé no Deus trinitário não pertence ao Antigo Testamento, o qual se limita a proclamar a unicidade do Deus “vivo e verdadeiro” em oposição aos ídolos de morte. A primeira leitura tirada do livro do Deuteronômio nos oferece grande ensinamento sobre o Deus único. O Deus da aliança está “lá em cima no céu e aqui embaixo na terra; e não há outro” (v. 39). Essa verdade tinha de ser constantemente lembrada a Israel por causa de seus vizinhos, povos politeístas, adoradores de muitos ídolos. Repetir constantemente essa verdade ajudava Israel a não cair na tentação da idolatria. Portanto, uma geração deveria contar à geração seguinte os feitos do Senhor, porque dessas narrativas o povo tirava a força para perseverar na fé.

O povo de Israel conservava na memória, principalmente litúrgica, os feitos do Senhor: seus atos de poder e de glória, mas também a constante presença divina, atraindo o ser humano para si e o defendendo de todo mal. Um Deus soberano no céu e libertador na terra. Um Deus que desceu para redimir os escravos no Egito. Um Deus tão próximo, que fez um pacto, uma aliança de amor e fidelidade com os descendentes de Abraão, ínfimos a tal ponto que nem sequer eram conhecidos como um povo, por serem considerados apenas escravos fugitivos.

Era um Deus totalmente diferente dos ídolos das demais nações, pois amava os hebreus,



os quais, aos olhos do mundo, eram pessoas insignificantes, seminômade que atravessavam o deserto indo de um oásis a outro. Entretanto, Deus conduziu Israel como um pai conduz um filho, tirando-o dentre as nações e o constituindo um povo para si.

3. II leitura (Rm 8,14-17): Pelo Espírito clamamos Abbá, Pai

O texto que lemos ressalta de maneira particular a ação do Espírito Santo na filiação divina do ser humano: “O próprio Espírito se une ao nosso espírito para testemunhar que somos filhos de Deus” (v. 16).

O Espírito Santo nos foi enviado para nos transformar interiormente e nos conformar à imagem do Filho. Trata-se de uma regeneração íntima, verdadeiro renascimento espiritual. O Espírito Santo é autor e testemunha que, infundindo no ser humano a íntima convicção de que é filho de Deus, o encoraja a amá-lo e invocá-lo como Pai.

Mas para que o poder do Espírito Santo possa cumprir essa obra de filiação, o ser humano necessita deixar-se guiar por ele à luz de Jesus Cristo, que em todo o seu agir foi movido pelo Espírito. Dessa forma, “todos os que se deixam guiar pelo Espírito de Deus são filhos de Deus” (v. 14).

Não há nenhum louvor mais agradável à Comunidade Divina que nossa abertura à ação do Espírito. Essa ação nos faz participantes da mesma obediência de Jesus à vontade do Pai. E nos faz servos de nosso próximo como Jesus o foi. É assim que demonstramos nossa fé trinitária, na vivência cotidiana conduzida pelo Espírito, configurando nosso agir ao agir de Cristo no serviço aos irmãos e em obediência à vontade do Pai.

III. Pistas para reflexão

É muito salutar que o presidente da celebração não se aventure a explicar de modo abstrato o dogma da Trindade, correndo o risco de dizer heresias e/ou transformar a

O Amante, o Amado e o Amor

Breves reflexões sobre o Deus de Jesus

José Lisboa Moreira de Oliveira



“Será um Deus cristão o Deus dos cristãos?” O autor, partindo dessa questão, trata da identidade do Deus dos cristãos e das repercussões disso no convívio social; reflete sobre a revelação dessa identidade divina; investiga como se deu a formulação da doutrina trinitária ao longo da história do cristianismo e nos ajuda a entender o monoteísmo trinitário.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



nossa fé num criptopaganismo e confundir a cabeça do povo.

Basta que as leituras bíblicas sejam explicadas. No evangelho, vemos Jesus sempre conduzido pelo Espírito Santo e em obediência ao Pai. É assim que vemos e compreendemos a Trindade, à luz da vida de Jesus.

A fé na Trindade é mais que um conjunto de palavras complicadas e abstratas, é um modo de viver no mundo. A fé, conforme a carta de Tiago (2,18), é algo que se mostra e se vê. Nossa fé na Trindade não é tanto um conjunto de definições teológicas, mas um modo de viver configurado ao viver de Cristo, ungido pelo Espírito e em obediência à vontade do Pai.

Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo
31 de maio

Corpo e sangue da nova aliança

I. Introdução geral

Deus fez aliança com Israel ao libertá-lo do Egito. Esse pacto foi instituído por meio de um rito. Primeiramente, o sangue do cordeiro pascal foi derramado em substituição à vida dos primogênitos dos hebreus. Depois o rito continuou na celebração de uma refeição, a ceia pascal, memorial da libertação, celebrada a cada ano pelos filhos de Israel para atualizar aquele evento fundador e paradigmático da religião bíblico-judaica.

No Novo Testamento, Jesus faz sua última refeição juntamente com os discípulos dele. Tal refeição não é apenas o coroamento da atividade missionária de Jesus, mas o coroamento de todas as refeições que ele havia feito com os pecadores ao longo de sua vida terrestre. Conforme os evangelhos sinóticos, nos momentos finais da vida de Jesus, os comensais celebram uma ceia pascal. E nessa

ceia Jesus substitui o cordeiro pascal e também se identifica com o pão ázimo e com o vinho abençoado. Jesus transforma radicalmente o significado dos elementos da ceia pascal, pois é nele que se dá a libertação definitiva e plena do ser humano. Portanto, é instituída uma nova aliança firmada na libertação integral da humanidade. Na ceia eucarística, atualiza-se a libertação escatológica realizada por Jesus ao longo de sua vida, que culminou na morte de cruz, celebrada antecipadamente nos gestos da última ceia.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. Evangelho (Mc 14,12-16.22-26): Tomai e comei, isto é meu Corpo

No Oriente antigo, o sangue simbolizava a totalidade da vida de um ser, animal ou humano. Por isso, quando o sangue de um animal era ofertado a Deus, na verdade o que se ofertava era a vida da pessoa que fazia a oferenda.

O termo sacrifício significa “tornar sagrado”; portanto, quando o sacerdote colocava o sangue do animal sobre o altar, a vida da pessoa ofertante é que se tornava sagrada, ou seja, consagrada a Deus. A ideia de sacrifício não tinha a atual conotação de “realização de algo difícil ou penoso”, mas de santificação ou sacralização da vida.

Antes de derramar o sangue na cruz, Jesus fez de sua vida uma oferta a Deus e à humanidade. Por isso ele antecipa, no gesto profético da última ceia, o que se dará no momento culminante do dom de si mesmo, a morte na cruz. É por causa de uma vida inteira ofertada, a Deus e ao outro, que a morte de Jesus, cume dessa oferta, pode ser chamada de sacrifício. A vida inteira de Jesus é sacrifício, é uma vida consagrada, santificada. Jesus oferta a própria vida como nosso representante.

Sua obediência e fé integral nos substituem, já que não conseguimos ser obedientes e fiéis da mesma forma. Sua vida humana sem pecado nos liberta do pecado, sua res-



surreição nos liberta da morte. Em tudo isso Jesus nos representa e nos substitui. Cessam, daqui por diante, os antigos sacrifícios de animais. O sangue, a vida ofertada da nova aliança é o que vigora doravante.

Também era comum, na cultura antiga, a concepção de que beber o sangue significava assumir a vida presente nele. Os povos vizinhos a Israel, na Antiguidade, costumavam beber sangue de animais porque com isso acreditavam assimilar as características do animal, como força, coragem, valentia. Por isso, o Antigo Testamento proíbe beber o sangue de animais. As palavras do Senhor: “Isto é meu corpo... isto é meu sangue”, “tomai e comei... tomai e bebei”, deveriam nos recordar de que nos compete assimilar em nossa vida as características da vida de Jesus.

Dessa forma, no Corpo e Sangue de Cristo vive e cresce a Igreja, com os fiéis continuamente se alimentando de amor, de fidelidade, de doação ao outro, de perdão e de todos os aspectos da vida de Jesus.

O Corpo e Sangue de Cristo são centro e sustentáculo da vida cristã. Por isso, quem deles se alimenta há que aceitar participar da doação de vida realizada por Cristo, em adesão à vontade do Pai e em doação ao próximo. Assim, por meio da eucaristia, os fiéis vivem o mistério da vida, morte e ressurreição de Cristo, celebrando agora a comunhão sem fim na glória eterna.

2. I leitura (Ex 24,3-8): Este é o sangue da aliança que o Senhor fez convosco

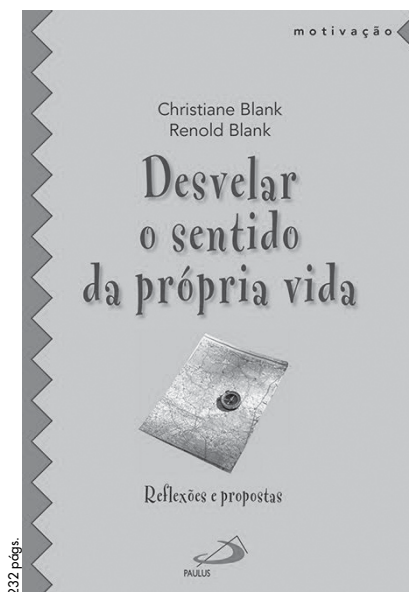
A primeira leitura descreve com detalhes o rito da aliança entre Deus e Israel. Moisés reuniu o povo, construiu um altar, mandou oferecer novilhos em holocausto, derramou metade do sangue deles sobre o altar e com a outra metade aspergiu o povo.

O termo hebraico para aliança, *berith*, significa também pacto e casamento (pacto de amor). Um pacto ou contrato, mesmo o

Desvelar o sentido da própria vida

Reflexões e propostas

Christiane Blank e Renold Blank



A dúvida existencial é trabalhada pela dupla de autores nesta obra dividida em quatro partes. A primeira aborda a busca pelo sentido de viver num mundo recheado de futilidades e dominado pelo sistema de mercado e introduz ao leitor um conceito retomado ao longo do livro todo: é preciso viver uma vida autêntica. A segunda e a terceira elencam estratégias e pontos de vista interessantes de apoio para a elaboração do projeto de vida e desenvolvimento de talentos e oportunidades. A seção final relaciona a realização pessoal com o projeto de Deus para cada um de nós.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



casamento, implica a observância de certas exigências. Nesse texto que acabamos de ler, a exigência é o cumprimento das palavras proclamadas na presença do povo, a saber, aquelas concernentes ao decálogo. De sua parte, Deus se comprometeu a cumprir suas promessas, cuidando de Israel como um pai cuida do filho, suprimindo-lhe as necessidades básicas e defendendo-o de todos os perigos.

O pacto bilateral da aliança no Antigo Testamento era estipulado mediante o sangue dos animais ali oferecidos em holocausto. O laço espiritual que unia o povo de Israel ao Deus da aliança era indicado pelo sangue aspergido sobre o povo.

3. II leitura (Hb 9,11-15): Cristo ofereceu a si mesmo como oferta sem mácula

A antiga aliança prefigurava a nova, ratificada em Cristo não “por meio do sangue de cabritos e de touros, mas no seu próprio sangue” (v. 12). Os sacrifícios realizados na antiga aliança, apesar da profundidade de seu simbolismo, eram inadequados para purificar a consciência e trazer a salvação.

Na nova aliança há um só sacrifício, “oferecido uma vez por todas” (v. 12) por ter valor intrínseco, infinito. Nele não há animais sendo sacrificados nem sacerdotes fazendo rituais. Oferta e ofertante se identificam no Filho de Deus humanado, o sumo sacerdote, “o qual se ofereceu sem mancha a Deus”. Essa oferta eficaz tem o poder de purificar a consciência do ser humano “a fim de servirmos ao Deus vivo” (v. 14). Já não se trata de purificação exterior, e sim interior, que transforma o íntimo da pessoa, lavando-a dos pecados para que viva em conformidade com a graça.

III. Pistas para reflexão

Durante muitos séculos, foi esquecido da eucaristia o aspecto de comensalidade e refeição e superenfatizado o aspecto sacrificial do derramamento de sangue na cruz

para o perdão dos pecados. Jesus foi transformado em animal de sacrifício. A celebração do Corpo e Sangue de Cristo deve chamar a atenção para o Pão e o Vinho, para a dimensão da refeição familiar onde todos participamos da mesma mesa.

Na reflexão deste dia, sejamos cuidadosos com as palavras, para que as pessoas da assembleia não tirem conclusões equivocadas. Jesus não é animal de sacrifício; a expressão bíblica que diz que ele é o “cordeiro de Deus” somente pode ser entendida à luz do significado do cordeiro pascal. É errado supor que Deus Pai, à morte de um cordeiro na Páscoa, preferiu a morte do próprio Filho. A carta aos Hebreus afirma que o sangue de animais não tira o pecado. Deus nunca precisou disso. Mas o sangue do cordeiro pascal substituiu a vida do ofertante. Na realidade, o que se dava a Deus não era o sangue, mas a vida da pessoa (da família) que realizava o rito, e entregar a vida a Deus é ter a vida renovada, liberta, sem pecado. O sacrifício do cordeiro era um símbolo dentro de um rito.

Não há necessidade de que o Filho de Deus tenha o próprio sangue derramado como condição para que Deus nos perdoe os pecados, Deus Pai não é sanguinário. Jesus é aquele que se dedica à humanidade e ao bem comum e dá início ao Reino de Deus a partir da sua própria vida, feita inteiramente de doação ao próximo, sem excluir ninguém. A vida terrestre de Jesus de Nazaré foi uma oferta total ao Pai e à humanidade. O sangue de Cristo é a vida de Cristo, o corpo de Cristo é a vida de Cristo. Nessas espécies está figurada a vida inteira de Cristo, incluindo sua morte e ressurreição. Tal vida foi uma oferta, e por isso Cristo é a humanidade ofertada a Deus, libertada integralmente do egoísmo, do pecado e da morte. Por isso Cristo nos representa, sua vida substitui a nossa. É isso que celebramos na ceia eucarística.

Nesse sentido, comungar da eucaristia é assumir a vida de Cristo na própria vida, é



acolher a todos, não ter preconceitos, desamor, rancor, não praticar qualquer exclusão.

9º Domingo do Tempo Comum
3 de junho

O sábado foi feito para o homem

I. Introdução geral

Em Jesus se torna visível a face do Deus criador e libertador, ápice da fé de Israel e da experiência religiosa daquele povo. Essa experiência tão profunda era celebrada e revivida a cada sábado. Mas, com o passar do tempo, o descanso sabático ficou marcado pelo ritualismo e legalismo. Então Jesus veio restaurar o sentido do sábado como celebração da vida em plenitude, da libertação e da liberdade. Veio reconectar o ser humano com Deus e proporcionar experiências de libertação. Recolocar essas experiências no centro da fé vivida de modo pessoal e comunitário. É com base na experiência com o Deus libertador manifestado em Cristo ressuscitado que o apóstolo Paulo consegue suportar todo sofrimento em sua vida de luta pelo anúncio do evangelho.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. Evangelho (Mc 2,23-3,6): O Senhor do sábado

No sábado, o povo de Israel recordava que Deus havia posto um fim à escravidão do Egito. Era tempo de celebrar a libertação. O povo de Israel havia recebido a liberdade para a renovação social e ecológica, pois todos descansavam (ricos e pobres, escravos e livres, ser humano e natureza). Mas, principalmente, liberdade para o culto.

Para Jesus, a libertação e liberdade celebradas no descanso sabático são sinais da res-

surreição e do mundo futuro; por isso, ele restaura a saúde e a dignidade das pessoas em dia de sábado.

Na mesma época, uma hermenêutica legalista do sábado o havia convertido em sinal de opressão e exclusão. O dia da liberdade se convertera em dia de observâncias rituais separadas da vida cotidiana.

Os gestos de Jesus resgatam o propósito do sábado como dia de libertação. Neste sentido, a cura da mão atrofiada é muito significativa, porque a mão representa a ação, a práxis. Podemos agir no sábado, podemos e devemos praticar boas obras, ações libertadoras e inclusivas, no dia do Senhor. Foi em dia de sábado que Jesus realizou as maiores ações de misericórdia.

As comunidades cristãs transferiram o dia do Senhor para o primeiro dia da semana porque foi neste dia que Jesus se manifestou como ressuscitado. A ressurreição de Jesus realiza o propósito do sábado. Nela nos tornamos livres do pecado e da morte.

Infelizmente, muitos cristãos têm atitudes piores que as do legalismo antigo. Reduzem o dia do Senhor a prescrições rituais, a preceitos e exibição de vestes litúrgicas esplendorosas, a queimas de incensos e show-missas, a pompas litúrgicas que ofendem e agravam o sagrado coração de Jesus. Pois o que agrada a Jesus, senão alimentar o faminto, cuidar do enfermo, acolher o pecador, incluir o excluído?

2. I leitura (Dt 5,12-15): “Recordate que foste escravo no Egito”

O ser humano é um ser inserido no tempo, mas tem a capacidade de perceber a eternidade, o âmbito próprio de Deus. Se o ser humano percebe a eternidade, isso ocorre porque o Criador deseja partilhar a vida divina com sua criatura.

Na leitura, vemos que o sábado é o elo entre eternidade e tempo, porque, voltando-se totalmente para Deus no louvor sabático,



o israelita dava um sentido de eternidade a toda ação temporal. No sábado se santificava tudo que estava dentro do tempo. No sábado a humanidade aproximava a criação inteira do seu Criador. O ser humano, consciência da criação, representava todas as obras de Deus e, em nome delas, louvava o Criador.

O texto do decálogo, base da primeira leitura, desconhece aquelas atitudes legalistas da época de Jesus; ao contrário, nele o sábado está intimamente vinculado com a liberdade: “Recorda-te que foste escravo no Egito e que o Senhor teu Deus te tirou de lá” (Dt 5,15). Se o israelita pode parar de trabalhar um dia a cada seis dias, isso significa que ele é livre, pois somente quem já foi escravo é que sabe o valor da liberdade. E quem experimentou ser libertado deve, por sua vez, libertar os outros também, por isso nem mesmo os animais deveriam ser obrigados a trabalhar continuamente, sem nunca parar. O sábado era entendido como um dom para toda a criação. Celebrá-lo, recordando a libertação da escravidão, significava louvar o Deus criador e libertador e unir-se a ele na luta contra toda opressão, a começar por si mesmo, na sua própria casa, com seus servos e os animais que faziam o trabalho.

O sábado não era um descanso no sentido de tirar um dia de folga do trabalho. Era muito mais que isso, era uma liberdade para o culto e para um novo modo de relações sociais e ecológicas. No sábado o servo descansava igual ao patrão, o animal igual ao ser humano. E este entrava no repouso de Deus, na intimidade com o Criador-libertador, ambos como sujeitos livres, numa relação de amor, a qual somente é possível entre iguais, entre sujeitos livres. Por isso Deus o libertou, para que pudessem relacionar-se face a face, livremente, dando e recebendo amor.

O sábado restaura as relações do ser humano com Deus, restaura as relações de trabalho com o mundo social e com a natureza. Em nossos tempos, uma sociedade surgida

dos ideais de liberdade propostos pelo cristianismo, a qual, porém, critica o descanso semanal para o trabalhador e, ainda assim, se proclama iluminada e desenvolvida, sem vínculos religiosos opressores, é uma sociedade hipócrita, opressora e retrógrada. Um cristão que não respeita os direitos dos seus funcionários não é verdadeiro seguidor de Jesus, o Filho do Deus criador e libertador. Um governo que não defende os direitos dos trabalhadores é um governo corrupto, ingrato com as gerações que constroem a nação. Uma liga de dirigentes de países que não luta por leis que defendam a natureza retroage à barbárie pré-civilizatória.

3. II leitura (2Cor 4,6-11): “Temos esse tesouro em vasos de barro”

Na segunda leitura, Paulo utiliza quatro antíteses gregas tiradas da terminologia própria das lutas dos gladiadores. Traduzidas para os idiomas modernos, essas palavras perdem muito sua força.

O que se traduz por “afligidos, mas não angustiados” significa ser pressionados contra a parede ou contra o solo, mas não sufocados (não ter o espírito restringido). Pensemos numa luta livre, e entenderemos melhor a ideia que o apóstolo nos quer transmitir.

Onde está escrito “perplexo, mas não desesperançado”, a imagem subjacente é que o lutador ficou acuado e não sabe que decisão tomar para não ser morto pelo adversário, mas sabe que há uma saída, que nem tudo está perdido, ainda está vivo e saberá encontrar uma solução.

Onde lemos “perseguidos, mas não desamparados”, a ideia é que um dos lutadores está perdendo a luta e começou a correr, fugindo do oponente. É a perseguição a alguém que está em fuga para salvar a própria vida. O que foi traduzido por “não desamparados” denota a compreensão de que o lutador em fuga não desistiu da própria sobrevivência e que a corrida em fuga, na verdade, é uma for-



ma de lutar pela própria vida, que tal lutador valoriza e que o oponente quer destruir. Essa metáfora é muito forte para dizer o modo como o apóstolo se sentia no exercício do seguimento de Jesus.

Por fim, “derrubados, mas não aniquilados”, quer dizer que o lutador é declarado como vencido, ou seja, recebeu a sentença de morte, mas mesmo assim não se sente rebaixado em sua dignidade, pois lutou contra um forte adversário. E isso valeu a pena.

Sem as luzes de Deus vindas por intermédio do Cristo, o ser humano frágil jamais conseguiria suportar semelhante pressão, uma vida como a acima, descrita com termos tão fortes. Por isso o apóstolo reconhece a própria fragilidade, que é uma situação existencial humana da qual todos são partícipes, e ele não é uma exceção. Somos vasos de barro, somos frágeis. Mas as luzes de Deus em nós nos tornam capazes de participar da cruz de Cristo para sermos realmente livres como ressuscitados. Livres de toda dor, de todo sofrimento, do pecado e da morte. “Pois para a liberdade Cristo nos libertou” (Gl 5,1).

III. Pistas para reflexão

O sábado celebra a experiência de Israel com o Deus criador e libertador. O legalismo e o ritualismo posterior sufocaram essa experiência profunda de fé. Jesus veio restaurar a genuína experiência do sábado, mas não demorou muito tempo para a comunidade de seus seguidores começar a cair constantemente no mesmo erro que ele denunciou: o apego a aspectos periféricos e ritualísticos. Esse fantasma que constantemente assombra a Igreja está de volta, apesar do testemunho do papa Francisco. É um fantasma antigo, exorcizado pelos profetas. A palavra de Deus, por intermédio de Amós, já dizia: “Odeio, desprezo as vossas festas, e as vossas assembleias solenes [...] o estrépito dos teus cânticos” (Am 5,21.23). As missas extravagantes, a preocupação com vestes litúrgicas pomposas e lu-

xuosas, os ministros de músicas fazendo show musical dentro da celebração eucarística, nada disso agrada a Deus e tudo isso está incluído na crítica que Jesus fez aos fariseus.

Já dizia o profeta Miqueias: “Ele te declarou, ó homem, o que é bom; e o que é que o Senhor requer de ti, senão que pratiques a justiça, e ames a benevolência, e andes humildemente com o teu Deus?” (Mq 6,8).

O que agrada a Jesus, senão alimentar o faminto, cuidar do enfermo, acolher o pecador, incluir o excluído? Quem tem zelo por Deus, que se consome de amor por Cristo, sabe que isto, cuidar do ser humano mais frágil, é o que agrada ao Senhor. É totalmente impróprio um cristianismo preocupado com vestes litúrgicas, incensos, luxos em templos, enquanto o ser humano sofre ou está sob vários tipos de escravidão, enquanto há uma multidão de usuários de drogas nas crackolândias das grandes cidades, onde há tantos que moram nas ruas ou sofrem o peso da violência.

10º Domingo do Tempo Comum
10 de junho

No Senhor está a misericórdia e copiosa redenção

I. Introdução geral

As leituras de hoje falam sobre pecado, condição que atinge todo ser humano, conforme afirma o apóstolo Paulo, quando diz que em Adão “todos pecaram” (Rm 5,12). Adão e Eva representam todos os seres humanos pecadores diante de Deus. Mas a ênfase das leituras não é o tema do pecado, e sim da misericórdia divina que perdoa o pecador. Afirma o Concílio Vaticano II que o próprio Deus “veio libertar o homem e dar-lhe força,



renovando-o no íntimo e expulsando ‘o príncipe deste mundo’ (Jo 21,31), que o mantém na escravidão do pecado” (GS 13).

Jesus, verdadeiramente homem, Filho de Deus, realizou a vocação humana, destruiu definitivamente o mal e nos associou à sua vitória sobre o pecado e a morte. Essa intervenção de Jesus na história é algo tão concreto, que ignorá-la constitui pecado contra o Espírito Santo. Esse tipo de pecado não é algo que se pratique aqui e ali, é opção de vida somente conhecida por Deus, que sonda os corações. Trata-se de decisão consciente e livre de recusa ao perdão divino.

Afirma o *Catecismo da Igreja Católica* que a “misericórdia de Deus não tem limites, mas quem se recusa deliberadamente a acolher a misericórdia de Deus rejeita o perdão de seus pecados” e a ação santificadora do Espírito Santo (cf. n. 1.864). O perdão de nossos pecados é uma graça, mas essa graça somente nos alcança se quisermos: a salvação é obra de Deus em nós, mas não sem nós.

Por outro lado, quem se torna discípulo e missionário de Cristo se associa intimamente à família de Deus, da qual nunca se aparta, pois fazer a vontade divina é a perfeita comunhão com o mistério de Cristo. Somos família de Jesus.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. Evangelho (Mc 3,20-35): Tudo vos será perdoado

Cristo, com sua fidelidade ao Pai até a morte de cruz, realizou aquilo que foi o oposto da desobediência humana, simbolizada pelo pecado de Adão e Eva. A intervenção de Cristo na história instaura, a partir de então, o Reino definitivo. Os exorcismos de Jesus são a prova de que o Reino de Deus chegou e de que o mal é obrigado a ceder espaço à verdadeira soberania deste mundo, o senhorio de Cristo.

Nos esportes de luta corporal, ficamos cientes de que o lutador mais forte, seja pela

força física, seja pelas estratégias mais elaboradas, é quem vence o mais fraco. A luta de Jesus contra o mal é explicada com metáforas esportivas ou bélicas. Jesus é o mais forte, ele veio em socorro da nossa fraqueza no embate cotidiano contra todas as manifestações do mal. Cabe a nós aderir a esse nosso campeão e saborear essa vitória que também é nossa, pois Jesus nos representa.

É à luz desse tipo de simbolismo que podemos entender o pecado sem perdão, o qual nada mais é que atribuir ao mal aquilo que é ação redentora do Espírito Santo em Jesus. É sem perdão porque Deus respeita nosso livre-arbítrio e, portanto, não pode nos perdoar quando o nosso orgulho atribui ao mal a ação libertadora de Jesus. É sem perdão não por causa de Deus, que a todos perdoa, mas por causa de quem se exclui voluntariamente do perdão e da salvação.

Somente o Pai, que conhece as profundezas dos corações, sabe quem assim procede, não nos cabe julgar ninguém. Portanto, devemos focalizar nossa atenção na palavra de Jesus, segundo o qual o Pai está disposto a perdoar todo pecado. Lembremos que Jesus pediu perdão ao Pai por aqueles que o torturaram e o mataram. Se os algozes de Jesus se abriram ao perdão, foram perdoados, porque Deus tudo perdoa.

De outra parte, não esqueçamos que todos os que abraçam a vontade do Pai e a cumprem perfeitamente, seguindo o exemplo do Filho, estão unidos a Jesus com fortes vínculos, comparados aos mais estreitos laços afetivos familiares. Dessa união com Cristo, na única vontade do Pai, é que os cristãos tiram a força para vencer o mal.

2. I leitura (Gn 3,9-15): E, chamando-o, disse o Senhor: “Onde estás?”

Culpada por transgredir o mandamento divino, a humanidade é reencontrada por Deus, que toma a iniciativa de retomar os vínculos de amizade rompidos. O homem



lança a culpa na companheira, e esta, na serpente. Mas Deus os conduz pedagogicamente a assumir a responsabilidade pelos próprios atos e as consequências de suas atitudes. A justiça de Deus é pedagógica; ele se compadece do ser humano, não o deixa à mercê do próprio egoísmo e promete-lhe a vitória sobre o mal, simbolizada no esmagamento da cabeça da serpente.

Uma luta deve ser travada entre o ser humano e o mal; dessa luta ele sairá machucado no calcanhar, mas será totalmente vitorioso e não terá ferimento mortal, suas feridas serão sinais de que lutou intensamente. Eis a sublime vocação humana.

3. II leitura (2Cor 4,13-5,1): O Senhor nos dará o perdão e a sustentação

Quaisquer que sejam as obrigações e os problemas, próprios das limitações da criatura e da história, os cristãos têm motivo suficiente para não sucumbir ou desanimar. Os cristãos possuem a fé, antídoto eficaz contra o desânimo em tempos de angústias e tribulações.

A fé permite discernir tudo corretamente. Ela nos dá como foco aquilo que é invisível aos que não têm fé. Ver além das aparências é acreditar no perdão para todos, acreditar na bondade de quem age de modo que nos parece errado, acreditar na fé de quem parece afastado da Igreja. Ver com o olhar de fé é ver o outro como Deus o vê; por isso, onde existe fé, não há preconceito nem exclusão. Quem não tem fé se apega às aparências, ao que é transitório, temporário, superficial. Ao contrário do que comumente se pensa, as coisas invisíveis são muito mais reais e verdadeiras do que as coisas que nos parecem mais concretas.

A expectativa da felicidade após a morte é assegurada pela fé na misericórdia de Deus, que a todos perdoa. A Bíblia usa um símbolo muito forte para expressar isso. A nossa vida terrestre é comparada a uma tenda, que pode ser desarmada a qualquer momento, e a vida

pós-morte é como uma “moradia”, um lugar de descanso, a casa do Pai. Quem deu moradia a Deus na tenda terrestre terá lugar assegurado na cidade celeste.

III. Pistas para reflexão

O evangelho de hoje traz questões aparentemente difíceis, como o pecado contra o Espírito Santo e “os irmãos de Jesus”. São difíceis quando se tira o foco da intenção do evangelista e se passa a concentrar a atenção no que é secundário.

Primeiramente, o principal é a misericórdia de Deus, que nos perdoa sempre. Se alguém não quer ser perdoado, isso é problema de Deus, é da competência do Pai, não cabe a nós resolver. A menção ao pecado contra o Espírito tem por objetivo apenas garantir o livre-arbítrio do ser humano e uma chamada de atenção para que não confundamos a ação de Deus com a ação do mal, totalmente distintas uma da outra.

Na nossa época não é diferente, muitas pessoas confundem o bem com o mal. Atualmente muitos consideram bom algo que é mau, como a pena de morte, a eutanásia, a intolerância, o enriquecimento ilícito por meio da desonestidade, da corrupção ou da injustiça etc., ou consideram más coisas que são boas, como a fraternidade, a justiça social, a tolerância. Quem assim procede, orientando toda a vida nesse sentido, está apostando na vitória do mal sobre o bem no mundo atual e dificilmente pode ter fé num mundo futuro, definitivo, sem a presença do mal.

Também tira o foco do que é essencial uma homilia que se dedique a explicar a expressão “irmãos de Jesus”. Sobre essa expressão, o presidente da celebração deve orientar os fiéis para que leiam na própria Bíblia as notas de rodapé que a explicam. Isso educa os católicos a usar a Bíblia ou a fazer um estudo bíblico introdutório. A homilia não deve perder tempo com isso, porque vai tirar o foco do que é essencial.



O evangelista está tentando mostrar que os parentes de Jesus, da mesma forma que os escribas, não entendiam a missão dele. Enquanto os escribas orgulhosos e invejosos atribuíam as ações de Jesus ao poder do mal, os parentes de Jesus pensavam que ele estava em perigo e tentavam protegê-lo, faziam o que é próprio da família. Amar as pessoas é preocupar-se com elas. Jesus sabe disso e, sem desfazer-se dos familiares, amplia a noção de família para além dos laços sanguíneos, remetendo-a aos vínculos de amor.

Não esqueçamos que a narrativa menciona que Jesus e seus discípulos chegaram à casa de alguém e pretendiam tomar uma refeição, mas um grande número de pessoas foi ali à procura dele e Jesus lhes deu atenção. Ele já não tinha tempo para si, e seus familiares se preocuparam, achando que estivesse ficando louco – literalmente, “fora de si”. Os familiares não entenderam aquelas atitudes e quiseram levá-lo de volta para cuidar dele. Jesus pensa numa família mais ampla, nos que são filhos obedientes da vontade do Pai, quer doar-se a esses irmãos, servir a essa família universal.

Nos tempos atuais, também soa como loucura doar-se aos serviços da comunidade, no serviço a Deus e aos irmãos, pois vivemos num mundo de relações mercantilizadas, segundo as quais “tempo é dinheiro” e é considerado “coisa de louco” perder tempo com aquilo que não dá nenhum retorno financeiro.

11º Domingo do Tempo Comum
17 de junho

“Nos átrios de meu Deus florescerão”

I. Introdução geral

As leituras de hoje tratam do agir soberano de Deus sem a dependência da intervenção humana. Primeiramente, isso é assegura-

do a Israel no momento da maior crise de fé do povo da aliança: o exílio da Babilônia. Quando o povo pensou que tudo estava perdido, porque não havia nenhuma possibilidade humana de solucionar o problema do retorno à terra prometida, Deus enviou o profeta Ezequiel para reanimar a esperança nas promessas divinas.

Um resto de gente humilde e desprezada permanecerá fiel. A palavra do profeta compara esse resto a um raminho que Deus cortará da copa do grande cedro e o transplantará no alto de um monte elevado. Ele crescerá e ramificará a ponto de aves de toda espécie fazerem ninho em seus ramos (Ez 17,22-23). Trata-se de profecia messiânica: Deus mesmo providenciará a solução, enviando o Salvador.

Desse modo Deus age no mundo para instaurar seu Reino, deixando de lado os grandes e poderosos e se servindo de humildes, pobres, desprezados e pequeninos, como o raminho cortado da copa ou a semente lançada no campo. Dessa imagem se serviu Jesus para falar sobre o Reino, uma realidade que não se impõe pelo poder, como os grandes impérios mundiais, mas como realidade oculta, semeada nos corações humildes e, entretanto, com força de expansão inimaginável. O Reino se impõe por intermédio dos simples e apesar das forças contrárias, porque é agir soberano de Deus na história.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. Evangelho (Mc 4,26-34): O Reino de Deus é como a menor das sementes

No trecho do evangelho de hoje, temos duas pequenas parábolas por meio das quais Jesus nos esclarece sobre o Reino de Deus.

Na parábola da semente que cresce sozinha, Jesus mostra que o Reino tem uma força intrínseca, independente da ação humana. Isso já tinha sido entrevisto no Antigo Testamento, após o fracasso da monarquia. Desde



então, o Reino de Deus passou a ser entendido como um reino futuro do final dos tempos, como uma ação escatológica própria de Deus e independente da ação humana. O Novo Testamento afirma que esse Reino tem início com Jesus e não se restringe ao aspecto geográfico; ao contrário, é formado por todos os que aceitam Jesus como Senhor, Caminho, Verdade e Vida.

Exceto pelo fato de ter sido semeada pelo agricultor, a semente cresce e se desenvolve sem a intervenção humana: “Pois por si mesma a terra frutifica primeiramente a erva, depois a espiga, depois o trigo pleno na espiga” (v. 28). Assim é o Reino de Deus na história, que, com base em acontecimentos aparentemente insignificantes aos olhos do mundo, provoca significativas transformações irrevogáveis.

Na segunda parábola, afirma-se que o Reino, aparentemente insignificante nos tempos de Jesus, se estenderá pelo mundo inteiro. O objetivo da narrativa está em explicitar a diferença entre a pequenez da semente e a exuberância da planta no final. Não se deve perder o foco da homilia, mencionando coisas insignificantes como opiniões de pesquisadores sobre que tipo de mostarda seria.

Trata-se de uma parábola sobre o crescimento do Reino. No primeiro momento, Jesus nos apresenta o Reino como algo que começa pequenino, semelhante a uma semente minúscula, e se desenvolve como um vegetal na época da colheita. Em um segundo momento, o Reino nos é apresentado como algo que atrai as pessoas, à semelhança de pássaros que surgem em bandos, procurando abrigo.

Há, na parábola, um contraste entre a insignificância aparente do ministério de Jesus e o desenvolvimento do Reino de Deus a partir desse ministério. O mesmo se pode concluir da atuação dos cristãos na história. Essa parábola ilustra a presença do Reino na história e a expectativa que devemos ter da plena revelação do Reino no futuro.

2. I leitura (Ez 17,22-24): À sua sombra as aves farão ninhos

Os descendentes do rei Davi quebraram a aliança com Deus, e grande parte de Judá foi levada para o exílio na Babilônia. Mas Deus é sempre fiel e preparou outra descendência de Davi, por meio da qual as promessas divinas seriam levadas ao pleno cumprimento.

A metáfora de uma árvore é aqui apresentada para assegurar a plena realização das promessas divinas no Reino do Messias. Do raminho cortado da copa, Deus fará uma grande árvore e a plantará num alto monte.

Naquela época, Nabucodonosor orgulhava-se de ter instaurado o grande império da Babilônia, e os exilados de Judá não viam como Deus poderia manter suas promessas. É exatamente nesse cenário histórico que entra o profeta, para assegurar que o próprio Deus está comprometido com a revitalização e a restauração da descendência de Davi. Os projetos ambiciosos dos poderosos deste mundo fracassarão, mas a ação de Deus na história é eficaz e irreversível. Quem pode arrancar o que Deus vai plantar?

O estabelecimento do Reino do Messias deverá mostrar mais claramente às nações do mundo (todas as árvores do campo) que Deus é o rei de toda a terra. O texto da profecia termina com a chamada inversão escatológica; à semelhança do Magnificat de Maria, Deus rebaixará o alto e exaltará o baixo, eis o julgamento dos poderes do mundo.

3. II leitura (2Cor 5,6-10): Dar frutos agradáveis ao Senhor

O texto se inicia mencionando a confiança do apóstolo. O termo traduzido por confiança, no idioma original da epístola, significa ter ousadia, ser audaz. O apóstolo está confiante, apesar de estar encarnado neste mundo e ausente da morada definitiva.

O apóstolo nos exorta a não nos apegarmos a esta vida, a este mundo. Seria preferível morrer para estar com Cristo, mas, seja



lá o que aconteça, devemos nos esforçar para ser agradáveis ao Senhor. É necessário produzir frutos. O sentido mais adequado do v. 9 é: “Contudo, quer estejamos na presença do Senhor, quer vivamos exilados dele, o que nos interessa é agradar a Deus”. Estar exilado do Senhor é estar vivendo ainda neste mundo.

Todos nós seremos julgados pelo Pai, ou seja, teremos de prestar contas da administração de nossos dons e projetos de vida àquele que é fonte de nossa existência e de toda dádiva. Por isso, estar na vida presente é um risco não porque Deus seja um juiz implacável, mas porque não somos fonte de nossa própria existência: nós a recebemos de Deus, com tudo que ela tem de bom e com todas as ferramentas para transformar a nós mesmos e ao mundo. A vida aqui neste mundo exige que produzamos frutos agradáveis a Deus.

III. Pistas para reflexão

Nas parábolas, Jesus não dá uma definição sistemática do Reino. Na primeira destas parábolas de hoje, temos a exposição de como o Reino se expande com uma força que não depende dos seres humanos, mas do próprio Deus. A parábola descreve a força interna do Reino. Na segunda parábola, encontramos a visão externa do Reino. Seu crescimento seria espetacular, desde um pequeno grupo insignificante – como é a semente da mostarda – até chegar a ser uma árvore exuberante.

A homilia deverá enfatizar que o Reino é uma realidade que não se pode ignorar. Deve esclarecer que o Reino não é sinônimo de Igreja, como muitos grupos atribuem. A Igreja está a serviço da expansão dele.

O Reino não se identifica com nenhuma instituição. É a irrupção da presença de Deus na história, uma transformação e conquista não violenta, a partir do interior dos corações, as quais mudam tanto o modo de o ser

humano se relacionar com Deus quanto as relações sociais, que deverão se basear nos critérios divinos, a justiça e o direito.

Natividade de São João Batista

24 de junho

Tu serás profeta do Altíssimo

I. Introdução geral

O Servo do livro de Isaías, João Batista e Paulo foram luz para todas as pessoas. Eles estão inseridos na tradição profética. Foram escolhidos desde o ventre materno, são um dom de Deus. Por meio de sua vocação, Deus revelou ao mundo seu plano de amor a todas as pessoas; por meio deles, Deus mostrou que não faz acepção de pessoas e que a salvação é universal. Isto exige de nós uma mudança de mentalidade e exige do profeta compromisso com a verdade e com a fidelidade. O profeta sempre vê além de seu tempo porque olha a realidade com os olhos de Deus, porque sua palavra é fruto de uma experiência profunda de intimidade com Deus. Por causa de sua comunhão com Deus é que a palavra do profeta é também palavra divina e seu agir na história é uma preparação para o agir divino.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. Evangelho (Lc 1,57-66.80):

“Irás à frente do Senhor a preparar os seus caminhos”

Ao contrário do que muitos pensavam, João não era o Cristo. Sua missão foi preparar os corações para receber o Reino de Deus, que em breve iria chegar por meio de Jesus. A missão de João envolveu sofrimento, incompreensões e martírio, como havia acontecido, ao longo da história da revelação, com patriarcas e profetas.



O nome do menino é João, que, no idioma hebraico, significa “Deus agraciou”. Ou seja, o profeta é uma graça, um dom de Deus, não apenas para os pais dele, que estavam velhos. João é um dom de Deus porque é um profeta. Sua vinda a este mundo é uma intervenção de Deus no curso da história. Por isso, o nascimento do profeta causa “alegria” e “temor” nas pessoas. Alegria porque a vinda de um profeta ao mundo significa que Deus ainda se importa com a humanidade; significa que, diante da infidelidade das pessoas, Deus manifesta fidelidade de sua parte e deseja reatar os laços de amizade com a humanidade. Temor porque o profeta nos inquieta, a sua palavra é espada cortante e penetrante que manifesta as intenções dos corações. A vida do profeta é luz a exigir que nos deixemos iluminar e abandonemos nossas trevas interiores.

O texto do evangelho de hoje termina com a menção de João no deserto. Isso é muito significativo, porque é no deserto que o povo hebreu, no Antigo Testamento, firma uma aliança com Deus, prometendo-lhe fidelidade e adoração exclusiva. João no deserto vai nos lembrar que não vivemos na fidelidade, que Deus não é o centro de nossa vida, e quando isto acontece, algo ou alguém vai tomar o lugar que deveria ser reservado somente a Deus. É mais que infidelidade: é idolatria. E quando criamos um ídolo ao qual entregamos nosso coração, então vamos, aos poucos, excluindo Deus e aqueles que são os prediletos dele: os pobres, os injustiçados, os sofredores em geral.

A vinda de um profeta a este mundo significa que Deus quer tomar seu lugar de volta em nossa vida, e isto é libertação. Mas é necessário conversão, mudança de atitudes, sair da zona de conforto, abandono da hipocrisia.

2. I leitura (Is 49,1-6): Meu Servo: uma luz para as nações

Uma misteriosa figura profética, nomeada como o Servo, é-nos apresentada. A cen-

tralidade de sua vida inteira está em Deus. Sua missão é fazer que a salvação que vem de Deus chegue até os confins da terra. Antes mesmo de nascer, o Servo recebeu o chamado divino para uma missão que tem um caráter universal, pois não é direcionada apenas para o povo de Israel. Uma missão que envolve testemunho, anúncio da palavra e sofrimento. A palavra proferida pelo Servo não tem origem nele mesmo, mas vem de Deus, por isso é comparada com uma espada afiada e uma flecha penetrante, pois atinge o âmago do ser humano e o transforma de dentro para fora. O sofrimento do Servo é decorrente do seu empenho pessoal no cumprimento de sua missão. Nesse sentido é que o Servo está inserido na tradição do martírio dos profetas. Contudo, a última palavra não é de seus algozes, mas de Deus, que acolhe a vida do Servo como oferta pelos pecados do povo.

A figura enigmática do Servo pode representar qualquer um dos profetas ou até mesmo o povo de Israel. O Novo Testamento o identificou principalmente com Jesus. A liturgia de hoje o identifica com João. Contudo, se levarmos a sério o nosso seguimento de Jesus, esse texto do Servo estará falando também sobre nós.

Por isso somos consolados, porque Deus não quer nosso sofrimento, mas o aproveita para a nossa conversão e a de muitos outros irmãos. Se soubermos fazer dos momentos difíceis um testemunho de nossa fé, nosso sofrimento terá sentido, principalmente na atualidade, quando é tão divulgado um cristianismo blindado, sem problemas e com felicidade plena, comprada nas igrejas com dinheiro ou com práticas piedosas interesseiras, como se Deus pudesse ser manipulado por nossas artimanhas.

No sofrimento, o Servo abandona-se em Deus e confia-se a ele porque se sabe amado e protegido. Deus não decepciona quem nele confia a própria vida. Sejam servos, sejamos luz para o nosso mundo tão obscuro.



3. II leitura (At 13,22-26): João convocou Israel ao arrependimento

A redenção pode ser chamada de salvação ou de Reino de Deus, de fraternidade e de paz. Ao longo da história, Deus sempre chamou e enviou pessoas com a missão de preparar a humanidade para a redenção definitiva. Entre elas, o texto da segunda leitura destaca a obediência e docilidade de Davi para com Deus. Devemos considerar que naquela época Davi era uma figura idealizada, não apenas um antepassado, mas uma prefiguração de Cristo.

Da figura de Davi, o texto passa a falar sobre João Batista, porque o primeiro passo para acolher o Reino que Jesus veio instaurar é uma mudança de vida e de mentalidade. A missão do precursor do Cristo foi, especificamente, anunciar isso às pessoas, convidando-as para uma transformação interior.

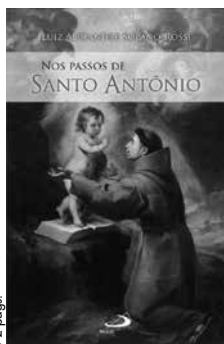
Com a vinda de João Batista, encerra-se a primeira etapa da história da salvação, marcada pelo protagonismo do povo de Israel. E é exatamente nesse contexto da narrativa dos Atos dos Apóstolos que Paulo, de agora em diante, irá se dirigir aos demais povos, anunciando o evangelho para além do povo de Israel e assumindo definitivamente a universalidade da salvação.

Mas ainda continua a história de Deus com a humanidade. Hoje, nós é que somos chamados e enviados para testemunhar o Cristo para a conversão do mundo.

III. Pistas para reflexão

O profeta é um dom de Deus. Sem ele, o ser humano esfriaria em sua relação com Deus. A missão do profeta, em todos os tempos, é convocar seus contemporâneos para uma mudança de vida e de mentalidade. É preparar o povo para a manifestação de Deus e mostrar os sinais dos tempos. Um profeta em nosso meio é a certeza da fidelidade de Deus para conosco e uma exigência de fidelidade de nossa parte também. Por isso o profeta não apenas anuncia, mas denuncia a hipocrisia de muitos cuja fidelidade é apenas aparente.

Nos tempos atuais, está em nosso meio um grande profeta, o papa Francisco. Mas, visto que o presente não é diferente do passado, também ele é rejeitado pelos de sua própria casa. As pessoas que mais se sentem incomodadas com a ação profética do papa Francisco são alguns católicos. Isto significa que há hipocrisia na Igreja de Cristo, há falsos católicos, assim como no tempo de Jesus havia falsos cristos. O papa Francisco tem profunda intimidade com Cristo, é um dom de Deus para a Igreja em nosso tempo. Ele faz aquele papel que o Servo e o apóstolo Paulo fizeram ao se dirigir aos pagãos. O papa Francisco inclui a todos os excluídos porque assim quis e quer o Cristo: a universalidade da salvação. Cristo deu a vida por todos, veio para os pecadores, nunca excluiu ninguém. ●



72 págs.

Nos passos de Santo Antônio

Luiz Alexandre Solano Rossi

A vida de Santo Antônio tem o poder de fazer com que nos apaixonemos por ele e, ainda mais, de nos tirar da passividade. Às vezes temos uma compreensão inadequada do que seja um santo, isto é, reduzimos o santo àquele que faz milagres. Esquecemo-nos de que os santos não nascem prontos. São homens e mulheres que viveram intensamente as contradições da época que os cercavam.

paulus.com.br

11 3789-4000 | 0800-164011

vendas@paulus.com.br

Imagens meramente ilustrativas.

Resenha

*Tratado da verdadeira devoção
à Santíssima Virgem Maria,*
de SÃO LUÍS MARIA GRIGNION
DE MONTFORT, PAULUS, 2017

O Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem Maria:

Um itinerário
de consagração
a Jesus por Maria

Tiago José Risi Leme*

SÃO LUÍS MARIA GRIGNION (1673-1716) nasceu em Montfort (França). Estudou com os jesuítas e entrou no Seminário de Saint-Sulpice, em Paris, com a idade de 19 anos. Foi ordenado sacerdote aos 27 anos. Depois de servir como capelão do hospital de Poitiers, foi nomeado missionário apostólico pelo papa Clemente XI. São Luís Maria é considerado um dos pioneiros do campo da mariologia, um ramo da teologia voltado para o estudo sobre Maria e sua relação com a Igreja e a história da salvação. Por suas obras de grande autoridade teológica, é forte candidato a ser proclamado Doutor da Igreja. Foi canonizado por Pio XII em 1947, tendo recebido uma estátua em sua honra na nave sul da Basílica de São Pedro, esculpida por Giacomo Parisini. O *Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem Maria* é sua obra mais importante, apesar de ter ficado no esquecimento durante mais de um século, a fim de se cumprir uma profecia do pró-

*Tiago José Risi Leme, natural de Bragança Paulista-SP, é coordenador de revisão da Paulus Editora, tradutor, graduado em Letras (Português e Francês) pela Universidade de São Paulo.



prio santo (*Tratado*, n. 114). De fato, o *Tratado* foi escrito provavelmente em 1712 e encontrado por acaso, nos arquivos dos padres monfortinos, em 1842, sendo publicado pela primeira vez no ano seguinte e imediatamente alcançando grande sucesso editorial. Influenciou grandes santos, como São João Paulo II, que consagrou seu pontificado a Jesus por Maria: *Totus tuus* – “Todo teu eu sou, e tudo que possuo pertence a ti, ó amável Jesus, por Maria, tua santa Mãe” – foi o lema inscrito em seu brasão.

A devoção mariana sistematizada pelo *Tratado* tem como objetivo nos dispor a imitar a própria Santíssima Trindade, que quis Maria como cooperadora no plano da salvação. O perfeito devoto da Virgem Santíssima oferece tudo o que tem a Maria, para ela depois transmiti-lo ao Pai, numa corrente de graças que contribui para a nossa salvação e a salvação de nossos irmãos. Para isso, o *Tratado* propõe um itinerário de preparação para a consagração, a ser realizada numa data específica, de preferência numa festa mariana, na presença de um sacerdote, e renovada anualmente.

A consagração a Nossa Senhora ensinada por São Luís Maria Grignon de Montfort não

diverge em nada das promessas e votos do batismo, pois consiste numa consagração total da pessoa à Santíssima Trindade pela mediação da Santíssima Virgem Maria: “Tudo com Jesus, nada sem Maria” – diria um ditado popular certamente inspirado nessa devoção e difundido na canção do diácono Nelsinho Corrêa. Assim, trata-se, efetivamente, de algo como uma atualização dos compromissos assumidos por todo cristão batizado, por meio das práticas interiores e exteriores da consagração (cf. n. 115-116, 213, 257). Logo, a natureza do *Tratado* e sua finalidade última contestam qualquer deturpação que ele possa sofrer e qualquer mau uso que se possa fazer da devoção por ele proposta, a fim de que esta não seja confundida com uma mariolatria que nada tem que ver com nossa condição de filhos adotivos de Deus, adoção essa que se imprime em nós pelo sacramento do batismo, pelos méritos de Nosso Senhor Jesus Cristo e na unidade do Espírito Santo:

Toda a nossa perfeição consiste em sermos conformes a Jesus Cristo, estando unidos e consagrados a ele, de modo que a mais perfeita dentre todas as devoções é, sem sombra de dúvida, aquela que nos conforma, nos une e nos consagra a Jesus Cristo. Ora, sendo Maria, dentre todas as criaturas, a mais conforme a Jesus Cristo, disso resulta que a devoção que melhor consagra e conforma uma alma a Nosso Senhor é a devoção à Santíssima Virgem, sua santa Mãe, e que, à proporção que uma

alma se consagrar mais a Maria, mais consagrada estará a Jesus Cristo. Por essa razão, a perfeita consagração a Jesus Cristo não é outra coisa senão uma consagração perfeita e total de si mesmo à Santíssima Virgem, e é essa a devoção que proclamo, a qual também se pode considerar uma perfeita renovação dos votos e promessas do santo batismo (n. 140).

Esta nova tradução do *Tratado* publicada pela Paulus está dividida em oito capítulos. O capítulo primeiro fala sobre a necessidade da devoção à Virgem Santíssima. O capítulo segundo, sobre as verdades fundamentais da devoção à Santíssima Virgem. O terceiro, sobre a escolha da verdadeira devoção a Maria. O quarto, sobre a natureza da perfeita devoção à Santa Virgem, ou da perfeita consagração a Jesus Cristo. O quinto, sobre as razões pelas quais esta devoção nos deve ser recomendada. O sexto, sobre a figura bíblica desta perfeita devoção: Rebeca e Jacó. O sétimo, sobre os efeitos maravilhosos produzidos por esta devoção numa alma que a segue fielmente. O oitavo, sobre as práticas particulares desta devoção. No final do livro, o leitor encontrará um suplemento sobre como praticar esta devoção na santa comunhão e um Apêndice com as orações preparatórias para a consagração total a Jesus por meio de Maria.

Além de uma edição em capa dura, e outra em capa flexível a Paulus publicou (em coedição com Paulinas) uma versão em formato de bolso. ●



As cartas de Paulo, Tiago, Pedro e Judas

Maurice Carrez, Pierre Dornier, Marcel Dumais e Michel Trimaill

As cartas apostólicas testemunham a expansão missionária do cristianismo do primeiro século e da fé viva da Igreja nascente. Elas fornecem informações preciosas sobre a vida, os costumes e a religião da época, e de como o cristianismo se confrontou com as diversas situações dos diferentes povos. As cartas comentadas neste volume foram reunidas pelo seu gênero literário. Seu conjunto compreende a maioria dos escritos apostólicos.

paulus.com.br

11 3789-4000 | 0800-164011

vendas@paulus.com.br

Imagens meramente ilustrativas.